

o último dos czares

robert service

Tradução de Luís Santos

Para Lara, Dylan, Joely e Keira

ÍNDICE

MAPAS...XIII

AGRADECIMENTOS...XVII

INTRODUÇÃO...1

1. CZAR DE TODA A RÚSSIA...5
2. NO COMANDO CENTRAL...12
3. A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO...19
4. ABDICAÇÃO...24
5. TSARSKOE SELO...38
6. VIDA EM FAMÍLIA...47
7. O GOVERNO PROVISÓRIO...54
8. A OFERTA BRITÂNICA...60
9. REGRAS E ROTINAS...66
10. SOBRE A VIDA DOS GOVERNANTES...72
11. O DILEMA DE KERENSKY...81
12. UMA TRANSFERÊNCIA PARA LONGE...88
13. DESTINO: TOBOLSK...96
14. O PLENIPOTENCIÁRIO PANKRATOV...101

15. A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO...110
16. A DISPERSÃO DOS ROMANOV...117
17. A CASA DA LIBERDADE...121
18. APRENDER COM OS OUTROS...128
19. TEMPO LIVRE...133
20. «OUTUBRO» EM JANEIRO...140
21. AS DISCUSSÕES EM MOSCOVO...148
22. PLANOS DE SALVAMENTO...154
23. O FUTURO RUSSO...162
24. CAMARADAS EM MARCHA...167
25. TOBOLSK E MOSCOVO...174
26. O COMISSÁRIO YAKOVLEV...182
27. A ORDEM DE MARCHA...188
28. PARA SUL, ATÉ TIUMEN...194
29. DESTINO A CONFIRMAR...202
30. ATÉ À CASA IPATEV...210
31. OS URAIS E SEUS BOLCHEVIQUES...218
32. ENTRETANTO, EM TOBOLSK...226
33. SUPORTAR ECATERIMBURGO...231
34. O ESTADO DO MUNDO...240
35. GUERRA CIVIL...246
36. MANOBRAS ALEMÃS...252
37. OS ÚLTIMOS DIAS NA CASA...260
38. A ARMADILHA DE ECATERIMBURGO...265

39. O APOIO DE MOSCOVO...	271
40. O HOMEM QUE NÃO QUERIA SER CZAR...	276
41. OPÇÕES LIMITADAS...	281
42. MORTE NA ADEGA...	287
43. RETIRADA VERMELHA...	292
44. MORTES, COBERTURAS E SIMULACROS...	298
45. A OCUPAÇÃO CHECOSLOVACA...	304
46. SOBREVIVENTES ROMANOV...	311
47. O INQUÉRITO ANTIBOLCHEVIQUE...	318
48. DISPUTA ABERTA...	326
49. POSFÁCIO...	334
BIBLIOGRAFIA...	341
NOTAS...	355
ÍNDICE REMISSIVO...	433

LINHA REGIONAL DE PETROGRADO EM 1917



ANTIGO IMPÉRIO RUSSO, 1917-1918

- ① Frente Oriental, março 1917
- ② Limite de ocupação após Tratado de Brest-Litovsk, março 1918

O C E A N O



1000 milhas
1600 quilômetros

Á R T I C O

Mar de Bering

Mar da Sibéria Oriental

Mar de Laptev

Mar de Okhotsk

R U S S O

Lena

Lena

Yenisei

Amur

Amur

Krasnoyarsk

Lago Baikal

Chita

Irkutsk

Verkhne-Udinsk

Harbin

Vladivostoque

Mar do Japão

JAPÃO

M O N G Ó L I A

C O R E I A

Pequim

Rio Amarelo

Mar Amarelo

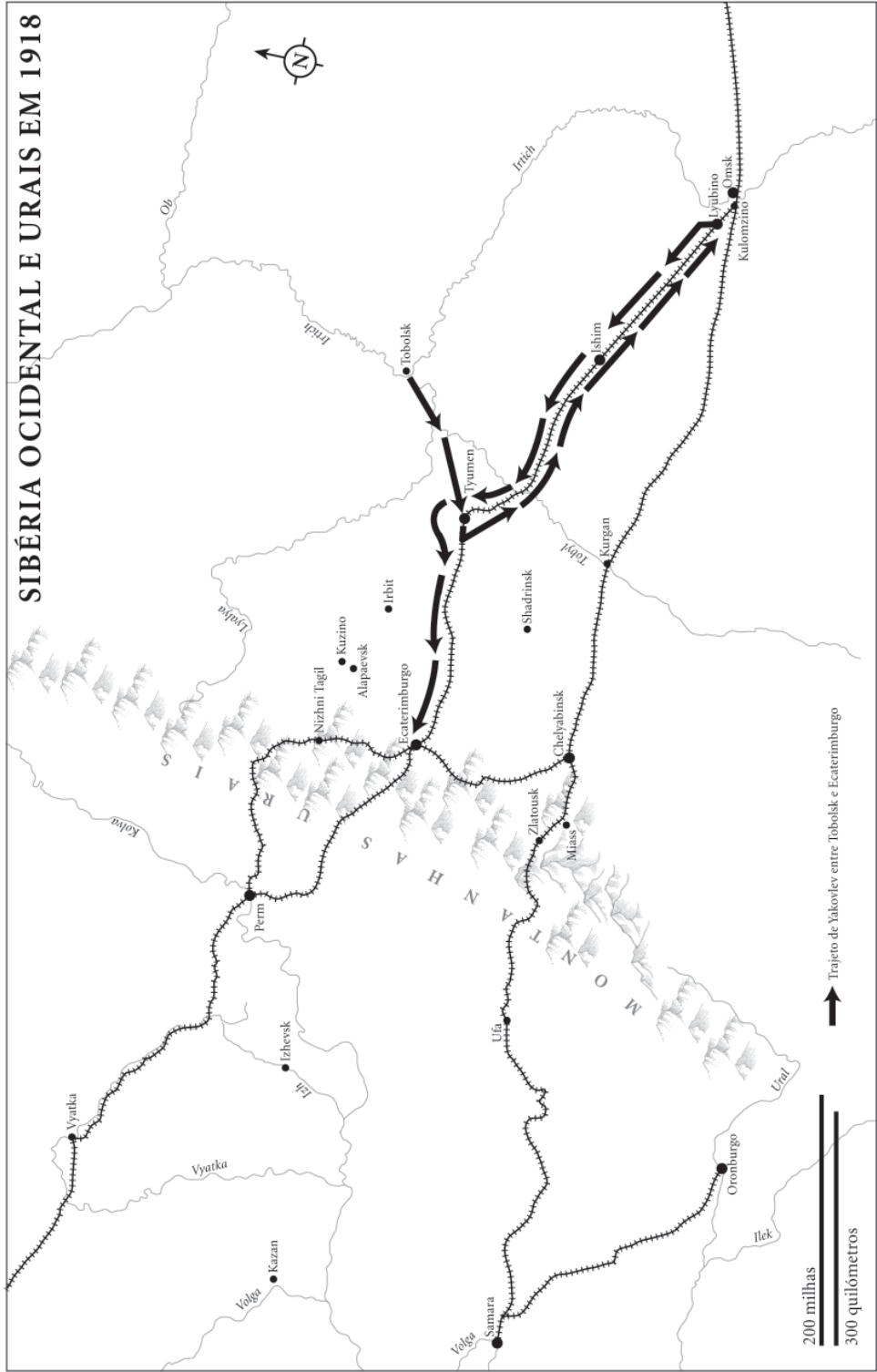
C H I N A

Xangai

Mar da China Oriental



SIBÉRIA OCIDENTAL E URAIS EM 1918



200 milhas

300 quilómetros

Trajeto de Yakovlev entre Tobolsk e Ecaterrimburgo

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa que tanto amo, Adele Biagi, que leu a primeira versão do livro. O último dos czares russos foi um interesse novo para mim, e, como sempre, os comentários de Adele foram inestimáveis. Não teria conseguido escrever estes capítulos sem a ajuda dela. Semion Lyandres, Simon Sebag Montefiore e Ian Thatcher também leram e comentaram a primeira versão. Semion partilhou os seus conhecimentos sobre a Revolução de Fevereiro de 1917; Sebag serviu de consultor para toda a dinastia Romanov, bem como para a questão nacionalista na Rússia; Ian foi de grande utilidade quanto à interpretação de documentos. Estou em dívida para com eles por terem, de bom grado, disponibilizado o seu tempo em detrimento de projetos próprios.

Estou igualmente grato a Katya Andreyev pela ajuda com a nomenclatura da Igreja Ortodoxa Russa; a Richard Clogg pelas informações acerca das origens dos estudos russos sobre a história bizantina; a Paul Gregory pelas dicas quanto a obras que ler sobre a história siberiana; a Lena Katz por explicar a história linguística dos Judeus na Rússia; a Norman Naimark por esclarecer aspetos da história judaica no período revolucionário; a Robert Sells pela sua ajuda com questões clínicas sobre os Romanov numa fase inicial da pesquisa; a Nick Walshaw por partilhar os recortes de jornal da família sobre a ação naval britânica no Mar Negro; e a Andrei Zorin pelas discussões acerca da lei imperial russa sobre abdicação e sucessão.

Linda Bernard, Lyalya Kharitonova, Carol Leadenham, Anatole Shmelev e Lora Soroka, dos Arquivos da Hoover Institution, prestaram-me um apoio generoso sempre que lhes apresentei questões; quero ainda agradecer a Maria Quinonez e Terry Gammon, da Biblioteca da Hoover Institution, pela cedência célere de livros raros e microfilmes; na Biblioteca Russa da St Antony's College, Richard Ramage, depois de aturada investigação, encontrou-me dados em falta. O meu agente literário David Godwin foi uma fonte inesgotável de encorajamento ao longo de todo o projeto; Georgina Morley, editora da Macmillan, engrandeceu ativamente a versão final.

A Hoover Institution, nas pessoas dos diretores John Raisian e Tom Gilligan, e do chefe arquivista Eric Wakin, apoiaram consistentemente a pesquisa e não tenho palavras para expressar a gratidão pelo patrocínio da Sarah Scaife Foundation. Agradeço também a Andrew Romanoff, neto da grã-duquesa Xenia Alexandrovna, por permitir o acesso aos documentos da família nos Arquivos da Hoover Institution.

A bem da facilidade de leitura, referi-me a Nikolai II como Nicolau, mantendo a forma tradicional de redação de nomes de indivíduos conhecidos, como Kerensky (em vez de Kerenski). Em todos os restantes casos emprega-se a versão corrigida da transliteração da União do Congresso. Até janeiro de 1918, os russos usaram o calendário juliano, treze dias atrasado em relação ao gregoriano. Para evitar equívocos, alterei, sempre que necessário, as datas para o calendário gregoriano. As exceções são as notas finais, onde, sempre que alguém continuou a usar o sistema juliano no seu diário após a mudança, mantive a referência intacta e acrescentei a abreviatura OS (de Sistema Original) — sobretudo Nicolau era um tradicionalista avesso a mudanças na forma como se registava o tempo. Todas as traduções do russo são de minha autoria. Incluí mapas dos sistemas ferroviários, os quais, tal como veremos, são ferramentas úteis para compreender os acontecimentos durante a Revolução de Fevereiro de 1917, além de explicarem o motivo pelo qual o Comissário Yakovlev levou Nicolau e sua família por um itinerário tão bizarro, em abril de 1918, antes de chegarem a Ecaterimburgo.

A versão final deste livro foi redigida numa altura em que a nossa família sofreu uma expansão imensa; ele é dedicado aos netos Lara, Dylan e Joely.

ROBERT SERVICE
SETEMBRO 2016

INTRODUÇÃO

O czar Nicolau II é uma figura controversa da história do século xx. Os admiradores defendem-no como tendo sido um marido apaixonado e um pai extremoso, que fez tudo o que pôde pela Rússia contra a onda de revolucionários maléficos que o destronaram na Revolução de Fevereiro de 1917, e que o assassinaram e à família no ano seguinte. Os detratores avançam uma história muito diferente; para eles, Nicolau foi um tirano obstinado e reacionário cujas ações destabilizaram o país e destruíram quaisquer oportunidades de se evitar a catástrofe das décadas seguintes. Tenho, para mim, que é errado dar primazia a uma imagem em detrimento da outra. A verdade é que ele foi tudo isso ao mesmo tempo, um homem e um governante complexo e contraditório.

Neste livro propus-me a acompanhar Nicolau nos dezasseis meses que se seguiram à sua queda. Durante esse tempo estive detido em Tsarskoe Selo, em Tobolsk, e, finalmente, em Ecatimburgo, com pouca esperança de vir a ser libertado. Raramente admitira aos seus ministros o que lhe ia na alma, e fora afamado por dizer uma coisa e fazer outra. Todavia, após a abdicação forçada, Nicolau perdeu qualquer incentivo para denotar uma imagem enganadora, exceto ao tentar atenuar as preocupações da mulher e dos filhos enquanto se encontraram em prisão domiciliária. Partes desta história já foram recontadas vezes sem conta, amiúde com uma ênfase justificada na horrível execução da família numa adega nos montes Urais,

em julho de 1918, e habitualmente com a afirmação infundada de que um ou mais elementos fugiram do palco da chacina. Acredito hoje que partes do mundo literário anglo-saxónico estão dotadas de uma disposição quase sociopata para acreditar que um pelotão de fuzilamento comunista bem armado e disciplinado, numa adega fechada, seria capaz de tão desmesurada incompetência. Não obstante, as provas, grande parte das quais há muito disponível, devem ser submetidas a uma análise conscienciosa, algo que procurarei levar a cabo nestas páginas.

Em 1917, muito se debatia quanto a mandar Nicolau para um exílio seguro no Reino Unido, mas, mesmo que o seu primo Jorge V não tivesse vetado tal ideia, quão realista ela seria, à luz dos obstáculos políticos na Rússia contemporânea? E quanto aos mistérios em torno da derradeira viagem conturbada de Nicolau entre Tobolsk e Ecaterimburgo, em abril de 1918?

Embora as mortes de Nicolau e sua família, a 17 de julho de 1918, exijam, seguramente, um novo olhar à luz de documentação nova e antiga, também os meses anteriores requerem atenção. Uma vez em cativeiro, Nicolau teve tempo para refletir sobre o seu governo, desde 1894. Ainda assim, surpreende quão raras vezes o seu diário e as conversas registadas foram empregues para lançar alguma luz sobre o seu pensamento. Além daquilo que escreveu para si próprio e do que disse a outros, temos ainda uma outra fonte normalmente ignorada, que é a longa lista de obras literárias e históricas que Nicolau leu durante o período de inatividade forçada. Os objetivos políticos de Nicolau foram discutidos ao longo da sua vida, e a sua seleção de livros serve-nos de espelho das meditações privadas. Em conjunto, o diário, os comentários orais e o material de leitura nos dezasseis meses antes da sua morte proporcionam-nos a oportunidade única de analisar se Nicolau terá lamentado alguma das decisões tomadas durante o seu reinado. Eles dizem-nos precisamente o tipo de governante que quisera ser, e permitem-nos descobrir se, tal como houve quem alegasse, ele era realmente um autocrata convencido e um antisemita fervoroso que só fazia concessões políticas quando coagido.

Também poderão lançar alguma luz sobre os pensamentos de Nicolau acerca da situação revolucionária em 1917-1918 e quanto à sua visão em relação ao futuro da Rússia. Ele tentava compreender circunstâncias que se encontravam fora do seu controlo e estavam sujeitas a alterações imprevisíveis. À parte o seu círculo pessoal, houve três indivíduos com quem trocou ideias. Um deles foi Alexander Kerensky, responsável por ele em nome do Governo Provisório que deteve as rédeas do poder entre as Revoluções

de Fevereiro e Outubro de 1917. Mas há duas outras pessoas que tiveram debates mais íntimos com o antigo czar que têm ainda de ser registadas: Vasili Pankratov e Vasili Yakovlev. Pankratov era socialista-revolucionário e Yakovlev era bolchevique, e foram responsáveis, sucessivamente, pela detenção da família Romanov em Tobolsk. Poderão as conversas tidas com o antigo imperador de toda a Rússia afetado as suas crenças?

O presente livro irá ainda destacar o ambiente político, económico e social em torno dos locais de cativeiro dos Romanov, outro tema abordado com igual leveza na literatura histórica. Os bolcheviques em Tobolsk e Ecaterimburgo tinham as suas opiniões muito próprias sobre como lidar com a questão dos Romanov, estando as suas relações com o governo soviético sujeitas a grandes tensões. Tobolsk foi uma povoação que seria tomada pelos Guardas Vermelhos de outras áreas que pretendiam corrigir aquilo que viam como sendo a incapacidade de Lenine de reter a família em segurança; Ecaterimburgo contava com uma liderança bolchevique onde se contavam vários indivíduos dispostos a matar Nicolau, com ou sem a aprovação de Lenine.

A decisão acabou por ser a de executar não só o antigo czar, mas também todos os elementos da família sob custódia soviética. Desde a década de 1990 que os investigadores russos têm vindo a alargar imensamente a base documental para a investigação sobre quem deu as ordens e porquê. Espero poder juntar essas fontes a tudo o que encontrei em Moscovo e na Califórnia para identificar, ao certo, o motivo para a data e o local dessas mortes, bem como a forma que assumiram. As trocas de cabogramas entre Moscovo e Ecaterimburgo têm sido amiúde examinadas, mas isso, por si só, não basta para explicar o que aconteceu, pelo que pretendo analisar toda a situação militar e de segurança em Ecaterimburgo e — igualmente importante — em Moscovo nas semanas imediatamente anteriores às execuções. Outro fator a ter em conta são as relações de Moscovo com Berlim. Acredito que só então poderemos estimar o provável envolvimento de Lenine — ao longo das últimas três décadas, o papel por ele desempenhado tem sido foco de grande controvérsia e especulação na Rússia. São essas as questões que estão na base deste livro.

A pesquisa teve início quando me deparei com alguma documentação excecional sobre os últimos meses de Nicolau II. No verão de 2013 estava a investigar os Arquivos da Hoover Institution, tal como vem sendo meu hábito nos últimos anos, quando a arquivista-adjunta Linda Bernard me perguntou se estaria interessado nos artigos Romanov guardados no

cofre dos arquivos. Entre eles contavam-se os documentos de abdicação de Nicolau II. No ano seguinte, Lora Soroka, que administra o Projeto dos Arquivos Russos, referiu alguns documentos, recentemente catalogados — a coleção Agnes M. Diterikhs —, referentes ao inquérito antibolchevique de 1918-1920 sobre a morte dos Romanov. Descobri nessa altura que a Hoover também tinha uma caixa de documentos em tempos denominados «o ficheiro sobre o czar» — base da sugestão há muito aceite de que um ou mais elementos da família de Nicolau conseguiram fugir de Ecaterimburgo, exatamente o oposto do revelado pelos documentos. Embora estas fontes constituam o centro das minhas pesquisas, também descobri basto material novo sobre outros elementos da família Romanov.

Os pensamentos e as experiências de Nicolau após a Revolução de Fevereiro de 1917 dizem-nos muito sobre o que aconteceu na Rússia nas primeiras duas décadas do século xx. Nos últimos dezasseis meses de vida, este ex-governante modesto, inadequado e rígido sofreu uma tragédia pessoal num país que ele ajudara a levar para a catástrofe. Só foi poupado ao conhecimento das piores fases do terror que se seguiu porque foi executado no primeiro ano da Revolução de Outubro. No entanto, para ele, aquilo que soube, mesmo dentro dos limites do seu cativeiro, foi mais do que suficiente.

1. CZAR DE TODA A RÚSSIA

Em 1916 teve lugar uma grandiosa cerimónia em Irkutsk, a grande cidade siberiana a sul do lago Baical, numa altura em que a Grande Guerra provocava baixas terríveis nas Frentes Oriental e Ocidental na Europa. O objetivo era levantar o moral nessa região longínqua do Império Russo. Nicolau II visitara a Sibéria pela última vez havia vinte e cinco anos, quando ainda não passava do único herdeiro do trono dos Romanov e estava na reta final de uma viagem global que passara por Viena, Trieste, Grécia, Egito, Índia, China e Japão¹. Para comemorar a visita, o governador-geral Alexander Pilts fez um discurso marcante perante os dignitários siberianos, no qual louvava a bravura das tropas imperiais: «Durante uma audiência recente com Sua Excelência, o Imperador, ele disse-me: “Assim que a guerra acabar serei seu convidado, a par da minha família, em Irkutsk.”» Os presentes receberam o anúncio com uma ovação sonante. Era notável que nenhum imperador houvesse visitado a Sibéria desde a sua conquista por mercadores e tropas russas, em finais do século XVI. Não havia siberiano que não se sentisse rejeitado e esquecido, com os habitantes leais a ansiarem por uma visita por parte do czar Nicolau e sua família².

Ninguém imaginava que, dali a menos de um ano, ele regressaria à Sibéria, não como czar de toda a Rússia, mas sim detido, enquanto cidadão Romanov. Aquele que despachara milhares de prisioneiros políticos para

trabalhos forçados, prisões ou exílio na Sibéria seria, ele próprio, transportado para o cativeiro em Tobolsk. Derrubado do poder durante a Revolução de Fevereiro de 1917, ele e a família seriam vigiados de perto nessa pequena povoação siberiana onde, assim quisera o destino, se situava uma das maiores prisões do império, embora os Romanov fossem poupados ao tormento de ficarem encerrados dentro das suas paredes, sendo enviados para a residência do governador provincial. Os Bolcheviques derrubaram o Governo Provisório durante a Revolução de Outubro de 1917 e, passados poucos meses, transferiram a família imperial para Ecatimburgo, a sua base de poder nos Urais, enquanto ponderavam o que lhes fazer. Em julho de 1918 foi decidido matá-los a todos. Levados para uma adega, foram fuzilados sumariamente, a par do seu médico, dos criados e de um dos cães de estimação.

Nicolau, um homem baixo e magro, sucedera ao pai Alexandre III, grande como um urso, em 1894. Nicolau herdara a tez pálida da mãe dinamarquesa Maria Fëdorovna (originalmente Dagmar) e perdia o rubor de verão com o avançar do outono³. Dedicava-se a poucas atividades recreativas, salvo a caça no inverno e o tiro aos faisões no outono, mas decidiu abdicar desses empreendimentos durante a guerra⁴.

O caráter de Nicolau tinha um aspeto asceta, e até durante as noites de inverno deixava a janela aberta. Adorava o ar livre, e passava pelo menos duas horas a exercitar-se no exterior em todas as estações — quatro, sempre que tinha oportunidade para tal⁵. Nunca tinha problemas em sair dos seus palácios sem sobretudo no mais frio dia de dezembro. Pesasse embora os modos delicados, o imperador era um osso duro de roer⁶. Era indiferente ao luxo. Quando em trajes civis vestia o mesmo fato que usava desde os tempos de solteiro. Tinha as calças puídas e as botas surradas. Gostava de pratos russos simples, como sopa de beterraba, sopa de repolho ou papas de aveia — não apreciava a cozinha refinada europeia. Não consumia álcool por hábito, e quando lhe serviam champanhe nos banquetes ele bebericava apenas alguns goles, como mostra de sociabilidade; dava garrafas de vinho da adega do Palácio de Alexandre ao comandante da guarda com o comentário: «Bem vê, eu não o bebo». Uma testemunha afirmou que, ao jantar, com a família, ele bebia, normalmente, um cálice de *slivovitz* envelhecido, seguido por um de Madeira. Embora outras fontes indiquem bebidas diferentes, todas concordam que Nicolau era habitualmente contido na quantidade ingerida⁷.

A tradição, para ele, era importante. Entre os antepassados, censurava

Pedro, *o Grande*, por ter interrompido o rumo natural do desenvolvimento histórico russo. Não gostava de S. Petersburgo, a capital da Rússia, pois acreditava que se afastara dos costumes da velha Moscóvia. Para a mentalidade de Nicolau, a cidade fora erigida «apenas sobre sonhos»⁸. Sentia-se atraído pelo legado russo dos séculos anteriores ao reinado do czar Pedro. Com isso em mente, envergava habitualmente uma camisa vermelha comprida. Ordenou ao séquito que se coibisse de usar termos de origem estrangeira e rasurava-os nos relatórios que lhe chegavam dos ministros e dos generais. Chegou a ponderar a possibilidade de alterar os trajes oficiais da corte para algo mais parecido com o que fora usado durante o reinado do imperador Alexei, fundador da dinastia Romanov, no início do século XVII⁹. Imaginava-se como o russo quintessencial. Adorava a música de Tchaikovsky¹⁰. Depois de um concerto da cantora Nadezhda Plevitskaya em Livadia, ele exclamou: «Sempre pensei que ninguém seria mais russo do que eu. A sua prestação provou que estava errado. Agradeço-lhe sinceramente tal sensação»¹¹.

Embora Nicolau fosse um cristão devoto, ele abominava os demorados serviços eclesiásticos e detestava ter de se ajoelhar¹². A sua fé baseava-se em ideias consideradas pouco mais do que superstições mesmo por alguns elementos do séquito — a sua preferência pelo «santo» Grigori Rasputine, cujos excessos alcoólicos e contínua promiscuidade se tornaram escandalosos, foi vista como prova de excentricidade. Nikolai Bazili, o representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros no estado-maior das forças armadas, viria a contar: «Nasceu no dia de Job e acreditava que o destino o condenava por isso. Acreditava que teria de vir a pagar pelos antepassados, que haviam tido uma tarefa bastante facilitada»¹³.

Embora poucos o receassem, Nicolau impunha respeito e tinha uma «presença» que desencorajava quaisquer contradições¹⁴. Sydney Gibbes, preceptor dos filhos do czar, fez a seguinte descrição: «Regra geral mostrava-se digno e reservado, embora se abrisse de forma encantadora com quem gostava e em quem confiava. Mesmo tendo apenas uma altura mediana, cada palmo dele era de Imperador. Era um homem de gostos simples, os de um cavalheiro rural. Abominava as intrigas, e todo o tipo de fingimento e insinceridade»¹⁵. Seguramente, o czar escutava com toda a atenção os principais ministros e era avesso a discussões. Claro que Gibbes era um admirador fervoroso. Com efeito, Nicolau tinha atitudes ambíguas, deixando as pessoas com a impressão de que concordava com os seus conselhos. Acabava assim por desapontar muitas dessas pessoas quando fazia

o oposto ao que aparentemente prometera. Era czar havia mais de duas décadas e esteve mais tempo no poder do que qualquer ministro. A longevidade no poder dera-lhe uma confiança injustificada no seu julgamento. Procurava sempre nomear figuras públicas obedientes para liderar o Conselho de Ministros, e quando Pëtr Stolypin, um desses líderes, mostrou sinais de ter opiniões conservadoras independentes, retirou-lhe a confiança — anos antes de ser assassinado, em 1911, Stolypin já sabia que a sua estrela política estava a apagar-se. As tensões entre o imperador e o primeiro-ministro eram recorrentes, com Nicolau a livrar-se de quem se recusava a conformar-se.

Durante a sua coroação, em 1895, jurou manter os poderes autocráticos e apelou aos críticos que abandonassem quaisquer «sonhos inúteis» de democratização. Em jovem tivera como precetor o ultraconservador Konstantin Pobedonostsev, apreendendo, com essa orientação, os princípios do absolutismo, dinásticos, da grandiosidade militar e da tradição religiosa oficial. Nunca se afastara muito dessas linhas.

Os tumultos revolucionários quase derrubaram o Império Russo em 1905, quando praticamente todas as classes da sociedade, altas e baixas, exigiram mudanças. Os operários entraram em greve e, guiados por militantes revolucionários, elegeram os seus próprios conselhos («soviets») para defenderem os interesses próprios. Muitos camponeses dirigiram ações violentas contra os latifundiários nobres. Nas fronteiras imperiais, polacos, georgianos e outros sublevaram-se. Verificaram-se motins na frota do Mar Negro e entre os soldados que regressavam das derrotas na guerra prolongada contra o Japão, que se travava no Extremo Oriente. Em outubro



1. O inglês Sydney Gibbs, precetor dos jovens Romanov. Miudinho, Gibbs detestava que lhe invadissem a privacidade em Tobolsk.

de 1905, Nicolau lançou um manifesto que prometia reformas fundamentais. No ano seguinte elegeu-se uma Duma Estatal com a sua autorização e segundo termos que implicavam a legalização dos partidos políticos e a redução das restrições da censura. No entanto, quando a Duma se recusou a apoiar as suas políticas, ele e Stolypin remodelaram as regras eleitorais para que se produzisse um corpo de representantes menos recalcitrante. Quando até este golpe contra o movimento pela democracia na Rússia se mostrou incapaz de calar as vozes contrárias na Duma, Nicolau habituou-se a governar sob críticas contínuas.

As suas ações eram as de um governante que se julgava sempre certo. Lidava com a depreciação pública refugiando-se no calor da família. A esposa Alexandra, nascida Princesa Alix de Hesse e educada em Inglaterra, na corte da avó, a Rainha Vitória, apoiava a tendência de Nicolau para governar sem consultar a opinião popular. Mantinham uma grande cumplicidade, baseada na partilha de valores e numa forte atração sexual¹⁶. Alexandra reiterava a determinação de Nicolau de gerir sem conselhos sempre que estes pareciam lesar-lhe a autoridade e o estatuto pessoais. Advogava severidade contra quem não o apoiasse: «Seja Pedro, o Grande, João [ou seja, Ivan], o Terrível, ou o imperador Paulo — esmaga-os a todos»¹⁷. Vários membros da família Romanov alargada mostraram-se horrorizados pela sua relutância em ceder, e até a mãe acreditava que Alexandra exercia uma influência excessiva e maligna sobre ele. Rasputine foi apenas um de entre os vários indivíduos que a sociedade polida e educada acreditava deverem ser expulsos da corte. Todavia, Nicolau levou a sua avante, vindo a notar-se que os críticos mais vocais do «santo» extravagante acabavam, as mais das vezes, por ser afastados do séquito imperial¹⁸. O conde Vladimir Frederikhs, o idoso ministro que servira tanto Alexandre II como Alexandre III, foi um dos poucos a escapar-se, embora com ordens concisas de não interferir na política: «Isso», afirmou Nicolau, «é comigo»¹⁹. O facto de as altas hierarquias da Igreja Ortodoxa russa estarem contra Rasputine não incomodou o imperador, que se sentia atraído pelas tradições religiosas populares. Para ele, Rasputine era o epítome da sabedoria e da bondade essenciais da nação.

Além de cristão devoto, Nicolau era um patriota militar que venerava o Exército Russo e queria tornar a Rússia mais poderosa e próspera do que quando subira ao trono. O nacionalismo acompanhava-o desde a infância. Desde sempre que nutria um desprezo profundo pelos Alemães, mesmo tendo casado com uma alemã²⁰. Também partilhava o ódio do pai pelos

Judeus, que ele acusava de quererem dissolver os laços que uniam os russos comuns. Nicolau acreditava que houvera forças judaicas sombrias por trás dos tumultos revolucionários de 1905-1906, e dava a sua bênção às organizações nacionalistas que se formavam. Stolypin, presidente do Conselho de Ministros, ficou aterrado com a forma como a União do Povo Russo e a União dos Povos da Rússia fomentavam distúrbios nos terrenos fronteiriços ocidentais com os seus pogroms²¹.

Mesmo garantindo o seu apoio a Stolypin, Nicolau recusou-se a aceitar os veredictos judiciais contra quem era acusado de violência excessiva. Essas Uniões foram os antecessores do fascismo de meados do século. Nicolau aceitou com prazer um cartão de membro da União dos Povos da Rússia, declarando: «Assumo o fardo do poder depositado em Mim no Kremlin de Moscovo, e tenho a certeza de que o povo russo me irá ajudar. Serei responsável, perante Deus, pela minha autoridade»²². Alexandra apoiou-o, acreditando que essas organizações eram formadas pelos «súbditos saudáveis e corretos» do marido. «A voz deles», garantia-lhe ela, «é a voz da Rússia, e não a voz da sociedade ou da Duma»²³. Nicolau não foi o único monarca do seu tempo a ter tendências políticas grosseiras e uma esposa ignorante e opiniosa. Também não era invulgar que se tivesse um fraco conhecimento da alta cultura da nação. Nicolau evitava os intelectuais e ia buscar confiança à crença de que compreendia o povo russo. Quando, nas suas frequentes peregrinações a locais religiosos, se cruzava com camponeses, ele tinha a certeza de que tudo correria bem para a Rússia caso eles pudessem ser isolados da propaganda estrangeira perniciosa. Não lhe ocorria que o campesinato russo poderia sentir-se genuinamente lesado com o sistema de poder imposto pelos antepassados de Nicolau, que vivia mergulhado num conservadorismo extremo.

Não obstante, Nicolau era um homem mais complexo do que parecia. Apesar do desprezo sentido por eleições e pela maioria dos políticos da Duma, Nicolau não era obcecado pelo poder absoluto — nesse ponto, ele apresentava ideias mais liberais do que a esposa adorada. Explicou-o a Pierre Gilliard, tutor do filho: «Aquando da subida ao trono jurei manter intacta a forma de governo recebida do meu pai, e transmiti-la nos mesmos moldes ao meu sucessor. Nada me afastará desse juramento; só o meu sucessor poderá modificar tal estado de coisas quando tomar posse»²⁴. Não foi uma ideia passageira. Antes da Grande Guerra dissera a Sofia Buxhoeveden: «Alexei não ficará constrangido. Ele vai repelir o que for desnecessário. Estou a preparar-lhe o caminho»²⁵.

Enquanto foi imperador, cumpriu o juramento da melhor maneira possível. Por baixo do exterior gentil estava um âmagô obstinado e duro. Fossem súbditos leais ou revolucionários ativos, nele, o povo só via inflexibilidade. Os lealistas admiravam-no como sendo um czar forte que confrontava quem procurava minar as mais refinadas tradições do império, e haviam celebrado com emoção o tricentenário da dinastia Romanov. Os revolucionários viam-no como Nicolau, *o Sanguinário*, ou Nicolau, *o Carrasco*. Entre estas opiniões opostas encontravam-se milhões de súbditos que queriam mudanças, mas que receavam os distúrbios que a revolução, sem dúvida, provocaria. A experiência, vivida em 1905-1906, de distúrbios e de revolta, havia intimidado muitos a remeterem-se a uma passividade política. Ao mesmo tempo verificava-se o sentimento generalizado de que as coisas não poderiam continuar tal como estavam. As camadas educadas do império sentiam-se embaraçadas com a Rússia, quando comparada com as outras grandes potências mundiais — e Nicolau era tido como responsável devido à insistência de conservar o máximo de poder e responsabilidade pessoais. Já antes do eclodir da Grande Guerra de 1914 essa era uma situação tóxica.

2. NO COMANDO CENTRAL

A partir de 1915, quando a Frente Oriental ficou estabilizada, as forças armadas russas estabeleceram um comando central, conhecido como Stavka, na cidade de Mogilëv. Situada na margem esquerda do rio Dnieper, desde há décadas que esta cidade era ligada a Kiev por vapores fluviais, havendo também uma estação ferroviária a menos de dois quilómetros a sudeste. O tráfego comercial, no entanto, mantinha-se reduzido, mesmo em tempo de paz. Mogilëv era um sítio onde pouco acontecia durante o dia, e ainda menos à noite. Não obstante ser uma capital provincial, era irrefutavelmente monótona. Embora a maioria dos 50 000 habitantes fosse russa, há muito que contava com uma substancial minoria judaica¹. Há séculos que a vida na cidade não sofria alterações. Aquilo que em Mogilëv mais se assemelhava a um sistema de transporte moderno eram as carruagens puxadas por quatro cavalos. Depois da implementação, em 1914, de uma «lei seca» que se previa durar até ao final da guerra, o Hotel Bristol servia vinho, mas não vodca. Não obstante, a cidade sofria um problema com vândalos. A presença do czar pouco fez para aumentar a capacidade da polícia e do exército de manter a ordem. A Rússia em tempo de paz sempre fora tumultuosa. Durante a guerra tornava-se cada vez mais ingovernável².

Todos os dias, pelas dez da manhã, Nicolau saía a pé da Casa do Governador, um edifício oitocentista de primeiro andar, e dirigia-se ao

gabinete do quartel-mestre para receber o relatório verbal do chefe de estado-maior Mikhail Alexeev. Depois de Alexeev lhe explicar os mais recentes planos, Nicolau regressava à Casa do Governador e ocupava-se com a correspondência dos ministros de Petrogrado (o novo nome de S. Petersburgo, para que soasse menos germânico) ou com as visitas de adidos estrangeiros³.

Ao meio-dia, Nicolau dirigia-se ao salão de jantar para cumprimentar as duas dezenas de oficiais selecionados que haviam recebido um cartão que dizia: «Está convidado para o pequeno-almoço de Sua Majestade amanhã». Com um sorriso, Nicolau cumprimentava cada um dos convidados e, com Alexeev à sua direita, escutava o que tinham a dizer acerca da frente. Eram servidos dois pratos simples e Nicolau ficava depois a conversar com indivíduos escolhidos. Seguia-se uma pausa de uma ou duas horas. Nicolau costumava aproveitar essa oportunidade para dar um passeio com um elemento da comitiva, enquanto o pessoal do estado-maior regressava ao trabalho. O jantar tinha início às seis horas, presidido, mais uma vez, por Nicolau. Terminados os pratos, ele anunciava: «Cavalheiros, permitam-me que fume». Fora ele quem estabelecera a moda das boquilhas. Regra geral, apagava rapidamente o primeiro cigarro — um sinal de nervosismo, pois acendia e fumava de imediato um segundo. Todas as noites havia um filme ou um espetáculo musical, ao qual Nicolau assistia com o filho. Uma banda militar tocava a marcha Preobrazhenski enquanto o imperador ocupava o seu lugar no camarote do governador e conversava cordialmente com as esposas do pessoal de Stavka⁴.

Embora Nicolau gostasse do tempo passado com os elementos das suas forças armadas, ele tinha de estar a par dos assuntos de estado do resto do país. À parte as questões militares, Nicolau sempre se preocupava com a política externa e fazia por exercer um controlo pessoal sobre as decisões de suma-importância. O Ministério dos Negócios Estrangeiros, na capital, mantinha-o informado sobre a situação volúvel da Rússia quanto às relações internacionais. Nicolau também esperava que o presidente do Conselho de Ministros e o Ministro da Administração Interna o mantivessem informado das notícias passíveis de afetar a segurança política.

Em relação a outros assuntos, ele seguia as políticas, sem as orientar. Para que não se repetissem distúrbios revolucionários, Pëtr Stolypin convencera-o de que seria preciso uma nova política agrária que fomentasse a emergência de uma classe de pequenos proprietários rurais. Stolypin

afirmava que as tradições comunais dos camponeses russos abafavam a responsabilidade individual. Também enfatizava o orgulho nacional russo à custa dos outros povos do império — uma opinião partilhada pelos dois homens, mesmo sem que Nicolau tomasse qualquer iniciativa. Era ainda menos ativo em relação a outros pontos de governação. Os anos pré-guerra foram um período em que a indústria mostrou alguma recuperação da quase revolução de 1905-1906. Nicolau deixou o processo de gestão nas mãos dos ministros, lendo aturadamente os relatórios, mas contribuindo pouco para as discussões. Depois do eclodir da Grande Guerra, em breve se tornou óbvio que a Rússia precisava desesperadamente de aumentar a coordenação da produção industrial. Isto levou à criação dos chamados comités de indústria bélica, envolvendo tanto os industrialistas como os seus operários. O resultado foi um debate público mais vocal do que o desejado pelo autocrata em Nicolau, mas o imperador deixou-se levar pela situação. Na verdade, se pretendia uma vitória na Frente Oriental, Nicolau não tinha outra opção.



2. Nicolau II e o filho Alexei gozam um momento de descontração perto da frente de guerra.

Nicolau, no entanto, sentia que estava a perder o controlo sobre a política em Petrogrado. A imperatriz mantinha-o o mais possível informado, chamando-lhe a atenção para aquilo que para ele eram discursos e atividades nefastas na Duma. Nicolau entregava os ministérios mais poderosos a indivíduos de uma lealdade incontestável. Aquando do rebentar das hostilidades, o imperador viu-se a braços com o envelhecido e incompetente Ivan Goremykin, perfeitamente ciente de que era incapaz de compreender as exigências da governação moderna. Em 1916, Goremykin pôde finalmente reformar-se e Nicolau substituiu-o pelo insípido burocrata mais jovem Boris Shturmer, vindo a trocá-lo pelo pouco mais dinâmico Alexander Trepov. Este carrossel de nomeações e demissões no Conselho de Ministros perturbou a administração civil, com Nicolau a ter noção da crescente dificuldade em garantir abastecimentos às povoações e às forças armadas. Também se verificou um aumento da desordem na produção industrial. Nicolau ignorou quem lhe disse que o presidente do conselho deveria ser alguém em quem os líderes da Duma confiassem, nomeando, em vez disso, o conde Nikolai Golitsyn, tão disposto a assumir o cargo como Goremykin estivera.

Nunca ocorreu a Nicolau que algo deveria estar muitíssimo mal para que ninguém quisesse encabeçar o governo em nome dele. Os debates na Duma quase chegavam ao ponto da crítica aberta contra o imperador. O líder liberal Pavel Milyukov estava determinado a garantir a criação de um gabinete selecionado por ele e pelos seus aliados políticos, e, em novembro de 1916, ao atacar o caos e a corrupção nas mais altas esferas do poder, indagou repetidamente: «Será estupidez ou será traição?»⁵ Nicolau mal notou. O seu interesse prioritário continuava centrado nas forças armadas, dirigindo-se com tristeza aos comandantes do Comando Central em alturas de operações militares fracassadas. Queria que eles soubessem que estava tão determinado como eles a esmagar os alemães. Ao saber da crescente dificuldade em conseguir suprimentos para a frente, Nicolau disse: «Passo noites em claro ao pensar que o exército poderá estar a morrer à fome». Todos notavam «os seus olhos tristes e o rosto sombrio e agitado»⁶.

O tempo de guerra sobrecarregou-o de tal maneira que quase tinha uma aparência emaciada. A confidente da esposa, a baronesa Sophie Buxhoeveden, interrogava-se se ele sofreria de problemas renais. Ao apresentar a questão ao Dr. Evgeni Botkin, este confidenciou-lhe: «O coração não está bem. Vou receitar iodo a Sua Majestade, mas isso fica entre nós»⁷.

As derrotas na frente, em 1915, deixaram-no deprimido, com as tropas alemãs a invadirem o território polaco da Rússia, mas, no verão de 1916, os

russos registaram finalmente uma vitória substancial no setor austro-húngaro da frente, quando o General Alexei Brusilov experimentou o uso de formações de tropas de choque. O êxito de Brusilov levou os alemães a redistribuir as forças da Frente Ocidental e a Rússia deixou de parecer um dos Aliados mais fracos. Nicolau sentiu-se encorajado. O imperador sempre quis fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para apoiar o esforço de guerra, sendo inegável o prazer que sentia na companhia dos soldados que arriscavam a vida. Em Stavka, ninguém duvidava da sua sinceridade fundamental. Embora se sentisse mais feliz quando se encontrava sozinho com a família, Nicolau mostrava-se ansioso por cumprir aquilo que considerava ser o seu dever dinástico perto da frente. O revés óbvio era o facto de a sua formação militar lhe proporcionar qualificações que não iam além das de um oficial da guarda mediano. Não possuía grandes capacidades estratégicas e operacionais, algo de que estava bem ciente — deixando tais assuntos nas mãos de Alexeev⁸. Via a sua principal contribuição como sendo a de servir de figura de proa do esforço de guerra imperial, garantindo um encorajamento paternal aos comandantes, mesmo os que, à semelhança de Alexeev, eram bastante mais velhos do que ele. A sua dignidade simples e preocupação genuína pelos «seus» oficiais impressionavam todos os presentes no Comando Central.

Dava-se bem com Alexeev, que chefiava o estado-maior desde 1915, quando Nicolau se mudara para o Comando Central e dispensara os serviços do grão-duque Nikolai Nikolaevich, seu primo, que nomeara vice-rei do Cáucaso⁹. Para Alexeev tratava-se da oportunidade de remodelar o comando central à sua imagem, afastando os aristocratas e dotando o estado-maior de técnicos competentes como ele. No início de 1917 concentrara sete generais e oitenta e sete oficiais como núcleo duro que geria a máquina de guerra a partir de Mogilëv. Era suposto que todos dormissem, comessem e pensassem tendo unicamente em vista o esforço de guerra russo. Entre tudo o que Alexeev levou para Stavka não se contou uma biblioteca. Salvo durante as refeições, o estado-maior não tinha qualquer momento de distração ao longo do dia de trabalho¹⁰. Alexeev inspirava o respeito e a admiração dos subordinados passando horas consecutivas à secretária¹¹. À semelhança do imperador, rejeitava os luxos e preferia roupas e uma dieta simples, mas começou a levar-se ao ponto da exaustão depois de crises de cálculos renais e de enxaquecas, ignorando os conselhos para que abrandasse o ritmo de trabalho. O avanço de Brusilov na Frente Oriental convenceu-o de que era possível derrotar a Alemanha e a Áustria-Hungria.

Alexeev estabelecia um exemplo de fé e dedicação. A guerra existia para ser vencida¹².

Todavia, a lealdade pessoal de Alexeev pelo seu soberano havia-se erodido discretamente, tendo mesmo começado a falar em segredo com políticos individuais que pretendiam transferir o trono para um Romanov menos reacionário¹³. Foi neste sentido que tentou convencer Nicolau de que seria no seu interesse, bem como no interesse da nação, fazer algumas cedências com a liderança da Duma. Enquanto debatia questões operacionais, ele aproveitava para referir o agravamento da situação política. Nicolau ouvia-o, mas não cedia¹⁴. Nicolau amolecia ao falar com generais que haviam servido com o seu pai reverenciado, Alexandre III, e um deles — Kaufman-Turkeستاني, membro do conselho de Estado — apresentou as mesmas ideias expressas por Alexeev. O resultado foi idêntico: Nicolau recusava-se a permitir que fossem os líderes da Duma a estabelecer a sua agenda, embora não se mostrasse avesso à ideia de nomear ministros tendo em vista a melhoria das relações entre a Duma e o governo¹⁵. Os elementos da família Romanov também fracassaram. O jovem e apaixonado grão-duque Dmitri Pavlovich viu-se repellido quando implorou a Nicolau que mudasse de estratégia. Nem mesmo a mãe de Nicolau, Maria Fëdorovna, conseguiu abalar-lhe a determinação. O gentil Nicolau agia como se já tivesse cedido de mais ao permitir a criação da Duma, em 1906. Estava mais do que decidido, e ninguém em Stavka se atrevia a mencionar o assunto, embora quase todos concordassem com Alexeev¹⁶.

Se o imperador alguma vez imaginou nomear um governo «responsável pela Duma», não o teria após dezembro de 1916, quando uma cabala de aristocratas, figuras da alta sociedade e políticos assassinou Rasputine. Nicolau e Alexandra ficaram horrorizados. Rasputine aproximara-se da família como sendo a única pessoa capaz de acalmar o filho e herdeiro Alexei, hemofílico, quando este adoecia — os médicos haviam-se revelado ineficazes em momentos de crise. Rasputine disse-lhe que só as orações da família resultariam¹⁷. No entanto, a sua notoriedade foi crescendo durante a guerra. Espalharam-se os boatos de que ele se aproveitara da partida de Nicolau para Mogilëv para desenvolver um romance com Alexandra. Sabia-se que aceitava subornos para interceder nas nomeações ministeriais. Tinha ideias próprias quanto às questões estrangeiras e manifestara-se oposto à participação na aliança contra a Alemanha e a Áustria-Hungria. Na Duma e em outros círculos públicos viria a formar-se a opinião de que ele poderia estar a promover a causa alemã na corte, esperando convencer o imperador das

vantagens de uma paz separada com a Alemanha. O casal imperial conhecia as histórias sobre Rasputine, mas ignoraram-nas obstinadamente, ficando o casal perturbado quando o cadáver foi retirado do gelo no rio Malaya Nevka, no centro de Petrogrado.



3. Grigori Rasputine, a única pessoa capaz de acalmar o jovem Alexei durante as crises hemofílicas.

Dois dos conspiradores, o príncipe Felix Yusupov e o deputado reacionário da Duma Vladimir Purishkevich, esperavam abafar as movimentações que se dizia estarem a ser feitas na corte para a retirada da guerra. Nos círculos políticos mais vastos, a notícia da morte de Rasputine deu força à esperança de que Nicolau acabasse por ceder, permitindo liberais e conservadores na Duma. No entanto, ao roubar-lhe a única pessoa com a capacidade de acalmar o jovem Alexei, o homicídio só serviu para calcificar a decisão de seguir o rumo que sempre escolhera. Para Nicolau, a reforma era intolerável.

3. A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO

No início de 1917 verificava-se uma forte possibilidade de problemas renovados em Petrogrado. Desde há anos que os operários estavam descontentes com as condições de trabalho, as quais vieram a piorar durante a guerra. Embora os salários subissem com o aumento da produção de armamentos, isso não acompanhava a inflação galopante. As condições de habitação, das infraestruturas sanitárias e dos cuidados de saúde deterioraram-se. Em dezembro de 1915, e outra vez em dezembro de 1916, verificou-se uma onda de greves interrompidas com dificuldade pela polícia política. Embora se detivessem regularmente ativistas revolucionários, os problemas da classe operária mantiveram-se graves.

A insatisfação continuou na Duma, com a crescente desilusão quanto à recusa de Nicolau de ceder após a morte de Rasputine. Na corte ficou claro que o casal imperial não queria qualquer referência ao monge: toda a questão lhes provocava um sofrimento atroz¹. Todavia, os políticos, tanto liberais como conservadores, queriam que se fizesse alguma coisa. À luz da intransigência do imperador, cada vez mais se falava sobre um possível golpe de estado. As sessões da Duma recomeçaram a 27 de fevereiro e, tal como viria a descobrir o ministro dos negócios internos Alexander Protopopov, em breve começaram a debater-se planos sediciosos. A tornar ainda mais volátil a situação estava a nova escalada do movimento de greves nas fábricas de armamento, cruciais para o sucesso do exército na Frente Oriental

numa altura em que os alemães encetavam uma nova ofensiva. Ao mesmo tempo, as operárias das fábricas têxteis que produziam sobretudo para os soldados estavam furiosas com a degradação dos suprimentos alimentares. Nicolau, que se encontrava com Alexandra em Tsarskoe Selo, recebeu alertas do Departamento de Polícia quanto ao agravar da situação, mas o casal imperial mostrou-se cético quanto a essas informações, acreditando que as agências de segurança teriam interesse em assustá-los². Tal receio não seria totalmente infundado. Todos os serviços secretos tentam justificar os poderes e os recursos que lhes são atribuídos, não sendo invulgar que forjem ameaças ao governo.

Nicolau II, conseqüentemente, não viu motivo para adiar o regresso a Mogilëv, a 5 de março³, tendo dito a Sophie Buxhoeveden que a razão para a sua partida fora uma mensagem premente de Alexeev:

Ele insiste que eu parta de imediato. Nem imagino qual seja o problema, pois, na minha opinião, não será nada de importante, mas ele enviou-me um segundo telegrama, e talvez pretenda mesmo discutir pessoalmente algo que não possa pôr por escrito e mandar entregar por correio militar. Seja como for, irei ausentar-me três ou quatro dias e depois regresso. Aconteceu muita coisa tola na minha ausência.

A situação levava Alexandra a manifestar-se contra a deslocação de Nicolau ao comando central, mas os protestos acabariam por se silenciar quando soube que Nicolau já informara Alexeev de que em breve se juntaria a ele em Mogilëv, não havendo nada que o demovesse⁴. Alexandra não gostou da decisão, mas não o tentou deter. Nicolau era um indivíduo obstinado, sendo raramente fácil convencê-lo do contrário assim que se decidia a fazer alguma coisa.

Tanto Nicolau como Alexandra subestimaram drasticamente os crescentes riscos políticos. Alexandra estava preocupada com os filhos, que haviam adoecido com sarampo. Protopopov telefonou para o palácio e relatou os distúrbios nas ruas a Andrei Volkov, criado pessoal do imperador. Alexandra recusou-se a aceitar a existência de uma emergência, dizendo a Volkov: «Não, não é assim. Não pode haver uma revolução na Rússia. Os cossacos não irão amotinar-se»⁵. Pura ilusão. Três dias após a partida de Nicolau dispararam-se tiros perto do Palácio Alexandre e o fornecimento

de água foi cortado⁶. Mesmo que os cossacos se houvessem mantido fiéis, outras tropas mostravam já o seu antagonismo para com a monarquia.

No dia seguinte, alastraram-se greves e manifestações por toda a capital, com as guarnições do exército a terem dificuldade em controlar as multidões. As organizações revolucionárias clandestinas — Revolucionários-Socialistas, Mencheviques e Bolcheviques — viram uma oportunidade renovada para destabilizar a ordem política e começaram a exigir a queda da monarquia. A 7 de março, os operários da fábrica de armamento de Putilov aderiram a uma greve geral e tornou-se óbvio que vários soldados se juntavam aos manifestantes. Nicolau ordenou a detenção imediata dos líderes rebeldes, a sua reação habitual aos desafios avançados pelos movimentos operários, mas os comandantes militares e a polícia foram incapazes de controlar as ondas tanto de conflitos industriais como de motins do exército. Era impossível fazer valer a proibição das manifestações. Petrogrado tornara-se ingovernável, com os soldados enviados para suprimir os operários a juntar o seu apoio armado aos protestos. Os políticos da Duma reuniram-se em privado para discutir como lidar com a crise. Um regimento após o outro virava-se contra a monarquia. Os comandantes que procuravam manter a ordem foram ignorados, com alguns a serem mesmo linchados. Todas as queixas originais da emergência revolucionária de 1905-1906 voltaram à superfície.

Ao falar com os oficiais da guarda pessoal do Palácio Alexandre, a imperatriz descreveu os insurgentes como sendo tolos que em breve pensariam melhor e se acalmariam. Quando os relatos se tornaram cada vez mais deprimentes, ela exclamou: «Pelo amor de Deus, que não haja banhos de sangue por nossa causa!»⁷ Disse ainda, num tom mais dramático: «Não repitam o pesadelo da Revolução Francesa defendendo a escadaria de mármore do palácio!»⁸ Ao ouvir tiros no parque, ela receou o pior: na verdade, eram tropas da guarnição a alvejar cisnes-negros no lago. Mataram igualmente cabras e gazelas que pastavam. Não houve ameaça de violência contra a família imperial, mas Alexandra viu o que se passava como sinal do que estaria por vir, declarando: «Está a começar!»⁹ Embora enfrentasse a situação estoicamente, os criados repararam que ela chorava quando sozinha. Não obstante, a sua resistência foi excepcional, sendo reforçada pela fé cristã. Quando a aia Maria Tutelberg a tentou consolar, Alexandra replicou: «O nosso sofrimento não é nada. Lembra-te daquilo por que o nosso Salvador passou e como ele sofreu em nosso nome. Se isto é necessário para a Rússia, estamos prontos a sacrificar a nossa vida e tudo mais»¹⁰.

A 10 de março, o grão-duque Mikhail, irmão mais novo do imperador, telefonou, da sua residência em Gatchina, ao presidente da Duma, Mikhail Rodzyanko, desesperado com a situação em Petrogrado. Rodzyanko não teve como reconfortá-lo. Concordaram em encontrar-se na capital para uma discussão à frente de testemunhas, e Rodzyanko explicou o que julgava ser o mínimo a fazer-se sem demoras, aconselhando Mikhail a enviar um cabograma ao irmão onde lhe dissesse que este se encontrava à beira do abismo. Nicolau viu-se obrigado a aceitar a transferência de Alexandra para o palácio em Livadia, junto ao Mar Negro, para que todos vissem que ela já não influenciava a política pública. Ao mesmo tempo, ele deveria permitir que a Duma anunciasse a intenção de formar um «governo responsável»¹¹.

Rodzyanko escreveu a Nicolau, rogando ao imperador que se livrasse do atual governo e nomeasse um novo, avisando que, se Protopopov permanecesse no cargo, haveria problemas nas ruas. Golitsyn, presidente do Conselho de Ministros, deu todo o apoio a Rodzyanko, com ambos a incitarem o imperador a reconhecer a urgência da situação. Urgia que se formasse um gabinete que suscitasse maior apoio político, aventando-se o príncipe Lvov ou o próprio Rodzyanko como potenciais nomes para o liderar. O grão-duque Mikhail telefonou a Alexeev pela linha direta, suplicando-lhe que entrasse em contacto com Golitsyn e dissesse o mesmo a Nicolau. Embora na altura estivesse doente, Alexeev encontrou forças para se levantar da cama e marcar um encontro, rogando a Nicolau segundo os mesmos termos de Rodzyanko e Golitsyn¹². Nicolau ouviu o que ele tinha a dizer, mas recusou-se a alterar a sua posição: convencera-se de que todos pretendiam enganá-lo, ou de que seriam eles a estar enganados. Não respondeu ao telegrama de Rodzyanko. No entanto, escreveu a Golitsyn, declarando com brusquidão que, na situação presente, uma mudança de governo seria inadequada¹³.

Reagia ao desafio político público como sempre fizera, estando, naquele tempo de guerra, ainda menos paciente para com a ameaça revolucionária. Sempre acreditara que a repressão célere era a melhor opção. Embora mantivesse um contacto regular com Petrogrado por telegrama, os ministros não o alertaram atempadamente quanto à escala da revolta, com Nicolau a partir do princípio de que as tropas leais lidariam com os insurgentes enquanto ele se concentrava nos planos de Alexeev para a Frente Oriental. Estava irremediavelmente alheio à realidade. A 12 de março interrompeu a sessão da Duma, numa tentativa de acalmar a situação política em Petrogrado, mas os líderes daquela recusaram-se a manter-se

como meros observadores passivos. Na tarde de 12 de março formaram um Comité Provisório sob a presidência de Rodzyanko, tendo como objetivo a intervenção nos acontecimentos, contra as ordens de Nicolau. Nesse mesmo dia, os militantes socialistas mostraram-se ativos. Em reação aos sentimentos nas ruas, prepararam a eleição de um Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, com um Comité Executivo a ser formado nesse serão. Com operários e soldados a ignorar a vontade do governo com impunidade, vivia-se uma situação revolucionária¹⁴.

Embora o Comité Provisório já se visse como sendo o embrião de um futuro governo, os seus elementos perceberam que necessitariam da aprovação do soviète. Estava a criar-se uma estrutura de «poder dual», com os líderes socialistas determinados a manter a sua influência sobre o rumo dos acontecimentos.

4. ABDICAÇÃO

Na noite de 13-14 de março de 1917, Alexeev, que se encontrava no Comando Central, enviou um telegrama ao General Ivanov, que deveria chegar a Tsarskoe Selo nessa manhã; queria que ele insistisse num acordo entre Nicolau e a Duma antes que fosse demasiado tarde¹.

Ao longo desse dia, Alexeev foi ainda mais longe, depois de chegar à conclusão de que o fim chegara para Nicolau, devendo este afastar-se do poder. Embora lamentasse parecer desleal, não via como o exército seria capaz de prosseguir uma campanha vitoriosa com a capital em estado de sítio. Quando Nicolau se encontrava no seu comboio em Pskov, Alexeev tomou a decisão sem precedentes de enviar cabogramas para os comandantes na frente, perguntando-lhes se estavam de acordo com ele. Manifestou o receio de haver militantes revolucionários prestes a perturbar toda a rede ferroviária e previu uma guerra civil caso não se tomassem medidas drásticas. Prometeu aos comandantes que apresentaria essas suas ideias ao imperador, caso eles as aprovassem. As respostas céleres foram esmagadoramente a favor. Alexeev transmitiu esse consenso a Nicolau, em Pskov, acrescentando uma súplica ao sentido patriótico do imperador, numa altura em que o alto comando perdera toda a confiança nele². Se por acaso Nicolau pretendia agarrar-se ao poder, o telegrama de Alexeev veio derrubar-lhe a vontade de resistir e o imperador respondeu que faria qualquer sacrifício para o bem da Rússia³.

Nicolau, todavia, ainda não chegara ao ponto da rendição e ninguém sabia o que ele faria em seguida. Alexeev, reconhecendo isso, pediu ao conselheiro legal Nikolai Bazili que redigisse um manifesto a ser assinado por Nicolau, que daria a Rodzyanko o poder de escolher um novo governo⁴. As notícias que iam chegando mostravam, no entanto, que as autoridades da capital haviam perdido totalmente o controlo. Alexeev, que ainda não se recuperara por completo de um forte ataque de gripe, concluiu que tal manifesto seria demasiado fraco. Nicolau, assim raciocinou, teria de abdicar por completo do poder. Se permanecesse no trono, seria o caos. Nicolau tinha de se afastar.



4. Composição imperial onde Nicolau II assinara a abdicação. Os tempos haviam mudado, e o povo podia juntar-se à volta da carruagem e ver como o czar gostava de viajar.

A 15 de março de 1917 chegou a Nicolau, em Pskov, uma barragem de conselhos através de um cabograma de Alexeev. Nikolai, primo do imperador, disse-lhe sem rodeios que deveria abrir mão da herança, presumivelmente a favor de Alexei. Nunca se usou a palavra «abdicação». O General

Brusilov foi um pouco menos direto, dizendo que a Rússia entraria em colapso, a menos que ele concordasse em renunciar ao trono a favor de Alexei, com Mikhail como regente. Não havia tempo a perder, adiantou Brusilov. Alexeev transmitiu ambas as mensagens, acrescentando uma de sua lavra. Não era capaz de dizer ao seu soberano o que fazer, mas o sentido das palavras foi bem claro: «Suplico a Vossa Majestade que acate sem demoras a decisão que Nosso Senhor lhe inspira»⁵. Enfatizou que ele e os restantes comandantes haviam concordado com a necessidade de que o imperador abdicasse⁶. Ao passo que antes pressionara gentilmente o imperador para que trabalhasse em conjunto com a Duma, agora, Alexeev não via alternativa à abdicação do trono — e, pela primeira vez, Alexeev apresentou a sua opinião a Nicolau sem a habitual mostra de deferência. A Rússia estava a ser tomada pela insurgência política. Teria, no mínimo, de haver mudança de governante para que a eficácia militar se mantivesse na Frente Oriental.

Nicolau não resistiu. Embora não tivesse boa opinião dos ministros e desprezasse a maior parte dos políticos, ele adorava as forças armadas e o seu alto comando. Também adorava Alexandra, mas esta encontrava-se em Tsarskoe Selo, e não com ele. Especula-se que Rodzyanko e outros elementos da capital possam ter exagerado no relato da intensidade dos distúrbios em Petrogrado quando escreveram ao imperador. Não há dúvida de que Rodzyanko se sentia exasperado com a insistência de Nicolau de trabalhar a par da Duma e vinha a tramar secretamente a melhor maneira de o afastar do poder. Não obstante, as mensagens enviadas para Stavka refletiam corretamente as ações dos operários e dos soldados na capital, e agora Alexeev dizia a Nicolau que, se quisessem vencer a guerra, ele teria de abandonar o poder. Para um governante que tanto prazer sentia com as conquistas militares do país, aquilo foi um choque quase insuportável. A União do Povo da Rússia não lhe servia de nada, e, além disso, ele não tinha um contacto regular com os líderes. O contacto diário era mantido com o estado-maior. Quando Alexeev apresentou a sua opinião quanto à situação revolucionária, Nicolau não dispôs de reservas de resistência política ou emocional.

Contudo, antes de mais, nessa tarde chamou o professor Sergei Fëdorov à sua carruagem. Fëdorov, um cirurgião, estava envolvido nos cuidados clínicos de Alexei desde antes da guerra — contra o Dr. Botkin e um pediatra chamado Dr. Raukhfus, ele propusera testes de procedimentos mais drásticos do que o considerado prudente pelos outros dois médicos. Este desacordo refletia a impotência da classe médica face à hemofilia: os médicos faziam experiências com tratamentos que, amiúde, eram mais

prejudiciais do que benéficos. No entanto, Fëdorov era um médico sábio que se mantinha a par das mais recentes teorias da medicina mundial; a par disso, conseguia igualmente explicar o que fazia num tom reconfortante e com uma linguagem que os leigos compreendiam⁷. Mudara-se em 1915 para o Comando Central, como médico pessoal de Nicolau, tendo-lhe sido atribuído um coupé pessoal num dos comboios; mantinha um contacto regular com comandantes e oficiais da corte. Tornara-se um dos servidores de maior confiança do imperador⁸. Fëdorov não foi alertado para o teor da conversa com o imperador, pelo que o médico mal pôde acreditar no que ouvia. O imperador não procurara um ministro ou um general, mas sim a ele, um mero clínico, para debater a mais importante questão de sucessão na história daquela dinastia.



5. General Mikhail Alexeev, Chefe do Estado-Maior: de óculos, trabalhador e exausto. Alexeev pressionou gentilmente Nicolau a abdicar.

Tornou-se óbvio que Nicolau acreditava que Alexei, então com doze anos de idade, continuaria a viver com ele. Fëdorov julgou que o imperador estava a ser ingênuo: «Vossa Majestade supõe que Alexei Nikolaevich será deixado consigo depois da abdicação?» Ao que Nicolau indagou: «E porque não? Ainda é uma criança, e é natural que permaneça com a família até ser adulto. Até lá, Mikhail Alexandrovich será o regente». Respondeu Fëdorov: «Não, saiba Vossa Majestade que tal não será, de todo, possível, e é óbvio que não pode contar com isso». Obviamente perturbado, Nicolau mudou o assunto para a medicina e perguntou: «Muito francamente, Sergei Petrovich, diga-me se acredita que a doença de Alexei é deveras tão incurável». Fëdorov foi sincero: «Majestade, a ciência diz-nos que esta doença é incurável, mas há muitas pessoas que vivem até uma idade avançada, embora a saúde do jovem Alexei Nikolaevich também vá depender sempre de todas as contingências». Nicolau disse baixinho, quase como se falasse com os seus botões: «A ser assim, não posso separar-me do Alexei. Isso estará além das minhas forças (...) ademais, se a saúde dele não o permite, terei o direito de o manter junto a mim»⁹.

Após a saída de Fëdorov, Nicolau ponderou as suas opções e tomou rapidamente uma decisão com igual importância histórica: não iria transferir os seus poderes para Alexei, mas sim para o seu irmão Mikhail¹⁰. Dessa forma, pelo menos, a dinastia Romanov seria preservada. Mikhail era o seu familiar masculino mais próximo depois de Alexei; além disso, sabia-se que ele tinha reservas quanto ao modo como Nicolau governara o império. Isso poderia ajudar a garantir uma transição pacífica enquanto Nicolau desaparecia na sua reforma. Nicolau viria em breve a justificar a sua decisão frisando que treinara Mikhail para o trono até ao nascimento de Alexei. Assim sendo, Mikhail seria um candidato aceitável¹¹.

Embora isso fizesse algum sentido médico e genealógico, ia contra a lei da sucessão introduzida em 1796 pelo imperador Paulo. Paulo odiara a mãe, Catarina, a *Grande*, sendo a legislação por ele criada uma das vitórias pelo tratamento recebido. Ele sabia que a mãe fora conivente no assassinato do pai — marido dela —, Pedro III. Paulo pretendia impossibilitar que uma mulher ambiciosa pudesse voltar a chegar ao poder dessa maneira. Até então, o *czar* vigente tinha a possibilidade de designar o seu herdeiro, independentemente do género desse futuro governante. Paulo alterou a situação com uma mera assinatura, estabelecendo que o primeiro filho do monarca sucederia automaticamente ao pai. Caso o imperador não tivesse descendência masculina, a sucessão acompanharia a linhagem de

parentes masculinos, começando com o irmão mais velho. A dinastia só podia ser continuada por uma imperatriz no caso improvável de não haver mais candidatos masculinos. Inadvertidamente, Paulo privou os sucessores do direito de influenciar o que aconteceria caso algum decidisse abdicar. Um imperador podia ficar sem poder morrendo ou abdicando, mas não podia nomear o sucessor: só a lei diria quem subiria ao trono.

Todavia, Nicolau era autocrático por formação e estava desesperado. Era o czar. Ainda acreditava ser capaz de conseguir tudo aquilo que quisesse. A versão do manifesto de abdicação redigida por Alexeev foi transmitida de Mogilév a Pskov pouco antes das 19h30 de 15 de março¹². Nessa altura, nem Alexeev nem Bazili estavam a par da decisão de Nicolau de excluir o filho da sucessão, referindo-se Alexei como imperador e Mikhail como regente. A tensão foi crescendo em Mogilév enquanto esperavam pela resposta de Pskov. Um pequeno grupo, que contava com o grão-duque Sergei e com Bazili, reuniu-se na sala do oficial de dia, ao lado do aparelho de telégrafo de Hughes, no edifício do estado-maior. O General Lukomski passava por ali a espaços. Ao ser notificado da transmissão iminente de uma mensagem perto das 13h30 de 16 de março, o grupo correu para o aparelho e observou-o a produzir a versão final do manifesto. Era o mesmo, em quase todos os aspetos, que Bazili redigira para Alexeev. No entanto, a grande diferença tinha consequências monumentais. Nicolau não passava o trono ao filho, mas sim ao irmão Mikhail. O grão-duque Sergei colapsou no sofá; todos ficaram estupefactos¹³.

Sobretudo Bazili, graças às aulas com o perito constitucional Nikolai Korkunov, na Universidade de S. Petersburgo, sabia que a abdicação nunca era referida no corpo da lei russa, e, ao passo que um potencial imperador podia rejeitar o trono, nada se especificava quanto à forma como um imperador teria de se afastar. Bastante clara, no entanto, era a sucessão automática do primogénito do imperador. Nicolau não tinha o direito de afastar Alexei da herança dinástica, sendo o seu plano absolutamente ilegal¹⁴.

Entretanto, os acontecimentos haviam levado o comité Provisório da Duma a entrar em ação, tendo, na noite de 14-15 de março, sido seleccionados dois dos seus membros, Alexander Guchkov e Vasili Shulgin, para seguir de comboio até Pskov e exigir a Nicolau que abdicasse¹⁵. A viagem demorou sete horas, sendo frequentemente interrompida pelos soldados que enchiam todas as estações pelo caminho. Guchkov e Shulgin chegaram ao seu destino às 22h do dia 15 de março de 1917¹⁶. Por essa altura, o ambiente político em Petrogrado havia sofrido alterações, pois o Comité

Provisório, que se reunira nessa tarde, juntara-se à revolução e criara um Governo Provisório, com Georgi Lvov como presidente-ministro¹⁷. O novo gabinete decretou liberdade de imprensa, de organização e de reunião, prometendo organizar eleições para uma Assembleia Constituinte com base no sufrágio universal adulto. Os ministros acreditavam que o desempenho da Rússia na Grande Guerra sairia a ganhar com a revolução por eles encabeçada. Estavam convencidos de que o afastamento de Nicolau lhes garantiria o apoio patriótico. Obviamente, a situação seria facilitada caso o imperador fosse convencido a afastar-se sem luta — algo que inflacionou a importância da missão levada a cabo por Guchkov e Shulgin¹⁸.

O General Nikolai Ruzski, que comandava o setor norte da Frente Oriental, foi informado da chegada prevista, mas nada foi avançado quanto ao possível teor da conversa a ter com o imperador¹⁹. A viagem fora cansativa e Shulgin sentia-se embaraçado por não ter levado trajes formais consigo. Apesar do avançado da hora, Nicolau mostrou-se pronto a recebê-los. O conde Frederikhs levou-os até à carruagem imperial, a par de Ruzski. As visitas de Petrogrado ficaram surpreendidas com os modos calmos e afáveis do imperador, que, sentado à sua pequena mesa, os convidou a sentarem-se. A pedido do imperador, o conde Kirill Naryshkin ficou para tirar apontamentos. Para consigo, Shulgin receava que Guchkov pudesse arruinar a atmosfera ao recuperar querelas antigas. Não havia necessidade: Guchkov mostrou-se bastante cordial, mesmo tendo raramente olhado para Nicolau — não por deferência, mas devido ao seu hábito de olhar para baixo ao concentrar-se²⁰.

Guchkov falou abertamente sobre as implicações de motins nas guarnições. Nicolau, assim disse ao imperador, por certo reconheceria quão catastrófico seria permanecer agarrado ao trono; teria de aceitar que tudo estava perdido para ele em Petrogrado e que Moscovo já se encontrava num estado de grande agitação. Não havia um plano organizado, mas sim um grande movimento anárquico do povo. Guchkov relatou que os líderes da Duma haviam criado um Comité Provisório com o objetivo de estabilizar a situação e controlar as tropas. Os sociais-democratas já dominavam os acontecimentos e exigiam uma «república social». Prometia-se a transferência da terra para o campesinato, algo que em breve poderia vir a influenciar a Frente Oriental. Se pretendesse impedir tal coisa, Nicolau teria de abdicar a favor do filho Alexei, com o grão-duque Mikhail como regente. Guchkov frisou que falava em nome de um grupo que contava com uma maioria a favor de uma monarquia constitucional. Rogou a Nicolau que

enfrentasse a realidade: «Bem vê, não poderá contar com nada. Só lhe resta uma opção, que é acatar os conselhos que vos damos, entre eles a sugestão de que abdique do trono»²¹.



6. Grão-duque Mikhail, que rejeitou o convite do irmão Nicolau para o suceder como czar. Uma decisão assisada.

À sugestão de que o czar precisaria de tempo para ponderar o assunto, Nicolau atalhou cordialmente e disse: «Não há necessidade de pensar em nada. Já tomei a decisão de abdicar do trono. Até às três estava disposto a fazê-lo a favor do meu filho, mas depois percebi que seria incapaz de me separar dele.» Seguiu-se um breve silêncio, após o que Nicolau acrescentou: «Espero que o compreendam (...) Foi apenas por isso que decidi abdicar a favor do meu irmão»²².

A declaração de Nicolau apanhou Guchkov e Shulgin de surpresa, que haviam chegado à espera de um debate aceso quanto à questão da abdicção, embora esperassem conseguir avançar com a persuasão — eram

monárquicos que julgavam saber o que seria o melhor para a monarquia. Mais tarde, Guchkov recordaria que sabia que, caso esse seu empreendimento não desse em nada, ele corria o risco de ser detido e talvez mesmo enforcado, mas decidira avançar, pois acreditava que a única salvação da Rússia seria uma regência²³. Tinha noção de que seria difícil alcançar esse objetivo na atmosfera presentemente inflamada da capital. Para ele, o melhor seria tratar da documentação formal durante a noite e anunciar os resultados à Rússia pela manhã. Recusava-se a aceitar que aquilo não passaria de um golpe de estado, mas ele e os seus simpatizantes estavam decididos a afastar a pior parte da equipa de governação de Nicolau: tinha em vista «os Shturmer, os Golitsyn, os Protopopov»²⁴. Não queria que Mikhail fosse um regente forte. Pelo contrário, optara por ele precisamente por o considerar ter «falta de vontade». Aos seus olhos, Mikhail era uma «pessoa pura e boa»²⁵.

Guchkov explicou o seu raciocínio da seguinte forma: «Considerávamos que a imagem do pequeno Alexei Nikolaevich seria um fator apaziguador na transferência de poder»²⁶. Tal como mais tarde viria a dizer, a ideia era convencer Nicolau de que essa era a melhor forma de fazer tábua rasa política. Alexei era «um rapaz de quem não havia o que dizer mal», e a fúria popular que se espalhava pelas ruas de Petrogrado em breve seria aplacada²⁷. Guchkov tentava garantir que o imperador seguinte não viria a exercer poder genuíno, e Alexei seria, supostamente, o para-raios que salvaria a Rússia da tempestade política²⁸. Todavia, os comentários inesperados de Nicolau anulavam esse cenário. Seguiu-se um momento de empatia mútua, com os dois emissários da capital a dizerem que compreendiam a importância dos sentimentos de um pai e que não o pressionariam. Mostraram-se, assim, de acordo com a inesperada proposta de que Mikhail subisse ao trono²⁹.

Nicolau ficou consolado, perguntando se a sua decisão devolveria a calma ao país. Os dois chegados da capital responderam que não antecipavam complicações, com Shulgin a apresentar um rascunho para o decreto de abdicação. Estariam de partida para Petrogrado dali a uma hora e teriam de levar com eles um documento assinado. Nicolau saiu com essa versão, regressando à carruagem vinte minutos depois. Guchkov e Shulgin leram o texto que o imperador recebera de Bazili no Comando Central. Concordaram com tudo, salvo por Shulgin, que queria a introdução do requisito de que Mikhail governasse «em total e inquebrável unidade com os representantes do povo nas instituições legislativas». Guchkov acrescentou que Nicolau deveria incluir no decreto de abdicação uma ordem que nomeasse Georgi Lvov como presidente do Conselho de Ministros³⁰. Nicolau

assentiu e regressou ao seu compartimento para corrigir o texto. Guchkov aproveitou a oportunidade para sair da carruagem imperial e anunciar a quem se encontrava reunido ao ar livre: «O nosso Pai Czar [*tsar batyushka*] concorda em absoluto connosco e fará tudo o que precisa de ser feito». Os presentes ovacionaram. Guchkov voltou depois à carruagem para esperar pelo imperador com Shulgin³¹.

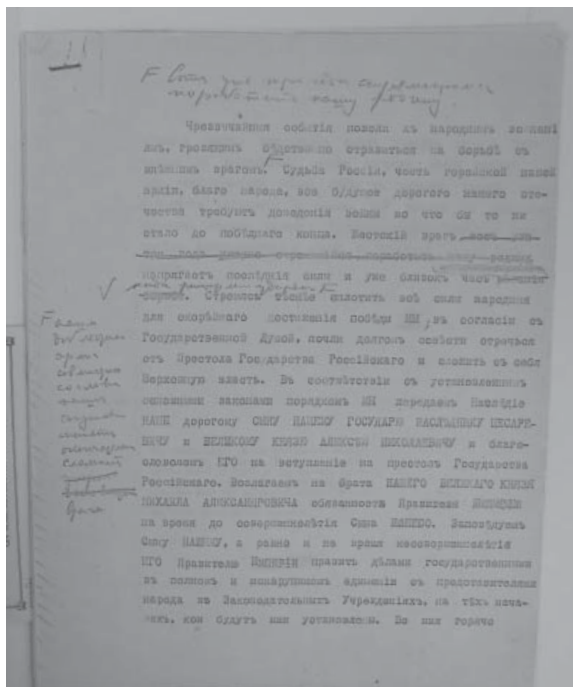
Desenvolver-se-ia a lenda de que Guchkov e Shulgin não faziam ideia daquilo com que estavam a concordar. Shulgin viria a contestar tudo isso: «Quanto à ideia de que não conhecíamos as leis mais básicas, eu, pessoalmente, não era muito versado em direito. Claro que não chegava ao ponto de não saber que a abdicação a favor de Mikhail não correspondia à lei da sucessão»³².

Às 23h40, Nicolau regressou com o manifesto de abdicação assinado, entregando uma cópia a Guchkov com uma formalidade excessiva. Para que não se dissesse que agira sob pressão, datou o manifesto para as 15h desse mesmo dia³³. Guchkov e Shulgin receberam o que queriam³⁴. Segundo Alexander Kerensky, advogado destacado e ativista socialista-revolucionário, a notícia foi de imediato comunicada a Petrogrado através de uma linha direta. Nicolau escreveu igualmente uma carta ao príncipe Georgi Lvov, depositando a sua segurança nas mãos dele³⁵. Chegara ao fim. O imperador de toda a Rússia afastava-se do trono sem conflitos. O homem que sempre fizera por impor os seus poderes autocráticos desde a revolução de 1905-1906 ficava agora reduzido ao estatuto de mero cidadão. A pressão exercida sobre ele começava a dissolver-se e, embora estivesse exausto, ficava também estranhamente aliviado. À 1h45 do dia 16 de março de 1917, Nicolau enviou o seguinte telegrama ao irmão Mikhail: «Petrogrado. Para Sua alteza — espero vê-lo em breve, Nicky»³⁶. Era a primeira vez que alguém se dirigia ao grão-duque desta forma.

Nunca um Romanov abdicara, em três séculos de dinastia governante. Os assassinatos eram outro caso. Pedro III perecera durante o golpe palaciano de 1762, Paulo em 1801. Um grupo terrorista matara Alexandre III em 1881. Este último incidente estava gravado na memória pública russa, já que ocorrera a 1 de março do calendário gregoriano — ou 14 de março do juliano. Shulgin comentou, aliviado, que Nicolau assinara a abdicação a 15 de março, e não no aniversário desse último assassinato³⁷.

A calma de Nicolau não se repetiu em Stavka, quando as notícias chegaram a Mogilëv. O General Alexeev, o grão-duque Sergei Mikhailovich e Bazili ficaram devastados. Nicolau rejeitara a sua proposta para sucessão³⁸. O grão-duque Sergei exclamou: «É o fim!» O modesto, gentil e discreto

Mikhail parecia a todos uma escolha inadequada para ocupar o trono. Ninguém o imaginava como imperador. Alexeev repetiu que Alexei e uma regência teriam sido as melhores opções³⁹. Mas foi Nicolau, e não Alexeev, quem assinou o documento de abdicação. Alexeev só podia aconselhar, persuadir e aproveitar o melhor possível a decisão do imperador. Para regularizar o processo ordenou a Bazili que fosse ao encontro de Nicolau ao comboio, antes que ele chegasse a Mogilëv vindo de Pskov. Bazili dirigiu-se ao comboio imperial na linha de Orsha, onde ele e o imperador tiveram uma discussão. Nicolau surpreendeu-o com os seus modos tranquilos e impassíveis, que não denotavam a magnitude dos acontecimentos recentes. O seu longo reinado chegava a um fim abrupto e, não obstante, ele não parecia, de todo, preocupado⁴⁰. De Orsha, Nicolau seguiu para Mogilëv, aonde chegou às 20h20, sendo aguardado na plataforma por soldados. Antes de deixar a carruagem, Nicolau chamou Alexeev ao interior e, mostrando finalmente alguma emoção, abraçou o seu general⁴¹.



7. Um dos vários rascunhos do documento de abdicação. Nicolau acrescentou notas a lápis.

Entretanto, os acontecimentos em Petrogrado continuaram a seguir um rumo imprevisível. A meio do dia 16 de março, um grupo de ministros do Governo Provisório e de líderes da Duma reuniu-se no pequeno salão de Mikhail, em Petrogrado, para debater a ideia de ele se tornar imperador. Guchkov e Shulgin haviam acabado de regressar de Pskov e Rodzyanko convidou-os a juntar-se ao encontro. Rodzyanko também lhes solicitou que não divulgassem a notícia da abdicação de Nicolau. Os políticos precisavam de se preparar para qualquer que fosse a fase seguinte na emergência em Petrogrado⁴².

Rodzyanko, Guchkov, Milyukov, Kerensky e o industrialista liberal Alexander Konovalov contaram-se entre os presentes, tendo-se verificado uma troca enérgica de opiniões. Tratava-se de uma ocasião complicada para todos. Guchkov insistiu que o país precisava de um czar, rogando a Mikhail que aceitasse o trono do irmão com a garantia de convocar uma Assembleia Constituinte. Também Milyukov queria que o trono passasse para Mikhail, mas entrou numa breve disputa acesa com Guchkov sobre a Lei Fundamental, o que seria mau prenúncio para a perspectiva do Governo Provisório de resolver a situação política na capital. Guchkov afirmava que as ações levadas a cabo pelos ministros poderiam justificar-se à luz da emergência marcial. Todavia, enquanto Guchkov e Milyukov concordavam que Mikhail deveria tornar-se czar, Kerensky opôs-se veementemente à ideia e incitou Mikhail a rejeitar o trono, reconhecendo que as ruas estavam apinhadas com milhares de operários e soldados furiosos que se manifestavam contra a monarquia. Alertou para o risco de uma guerra civil caso Mikhail tentasse suceder ao irmão. Para Kerensky, era esse o ponto prático central, e não qualquer princípio republicano. Acrescentou ainda que Mikhail estaria a arriscar a própria vida se acesse aos desejos de Nicolau⁴³.

Mikhail chamou Rodzyanko e Lvov à parte, ficando os restantes a aguardar ansiosamente. Guchkov receava que Mikhail pudesse igualmente estar prestes a consultar a sua esposa ambiciosa, que se julgava querer tornar-se imperatriz e se encontrava em casa, em Gatchina. A tensão afetou todos os que se encontravam no salão. Quando Guchkov saiu para usar o telefone, Kerensky exigiu saber com quem ele pretendia falar, ao que Guchkov replicou que ia limitar-se a entrar em contacto com a esposa. Kerensky, à semelhança dos restantes, estava agitado, mas mostrou controlo suficiente para rogar a Mikhail que não falasse ao telefone com ninguém. Mikhail afirmou que falaria exclusivamente com a esposa, mas que gostaria de tempo para consultar a sua própria consciência: foi o seu único gesto

de assertividade. Quando voltou para junto do grupo declarou, numa voz firme, embora ansiosa, que pretendia renunciar ao trono. A discórdia entre Kerensky e os defensores de uma solução monárquica tornou-se, assim, redundante. Guchkov afirmou que não podia continuar a servir no Governo Provisório, só cedendo quando Kerensky apelou⁴⁴.



8. O outubrista Alexander Guchkov, ministro da guerra do primeiro Governo Provisório.

Mikhail assinou o seu próprio decreto de «abdição», o qual deveria ter sido apenas uma renúncia, ao início da tarde de 16 de março, vindo a ser publicado pouco depois, em simultâneo com aquele que já fora assinado pelo irmão Nicolau. Mikhail incitou os cidadãos a obedecer ao novo Governo Provisório, afirmando-se esperançoso de que viessem a realizar-se eleições para uma Assembleia Constitucional⁴⁵. Alexandra soube o que estava a acontecer aos poucos. Por volta das 16h do dia 16 de março de 1917, o conde Pavel Benkendorf, marechal da corte, contou-lhe sobre o rumor que dizia que o marido abdicara. Alexandra mal podia acreditar que ele

tivesse tomado uma decisão de tal monta de forma tão apressada. Nicolau sabia quão doente estava o filho, pelo que decerto não poderia ter-se afastado do trono com Alexei como seu sucessor. Uma hora depois chegaram novas informações de Petrogrado que clarificavam o que acontecera, com Alexandra a descobrir que Nicolau transmitira os poderes — ou tentara fazê-lo — ao irmão Mikhail⁴⁶. Entretanto, a mesma informação fez desmoronar a compostura de Nicolau, que contava com a sucessão de Mikhail. Para Nicolau, a dinastia era algo sagrado, mas recusou-se a culpar Mikhail: «Não posso julgar as suas ações sem conhecimento das circunstâncias»⁴⁷. Todavia, Nicolau encarou o manifesto de Mikhail com grande desgosto, escrevendo no diário: «Sabe Deus quem foi o responsável pela assinatura de tal lixo!»⁴⁸

Quando o Major-General John Hanbury-Williams, chefe da missão militar britânica, foi chamado à presença do imperador, em Mogilëv, a 19 de março de 1917, ele reparou numa diferença nos arredores do Comando Central. Fora dos portões encontrou apenas indivíduos «ociosos», mas a barrar o caminho estava «uma sentinela com a braçadeira vermelha da revolução no braço». Os soldados já davam a entender que eram o verdadeiro poder no país. A sentinela impediu que Hanbury-Williams percorresse o trajeto lamacento até ao seu compromisso, até que um elemento do séquito do imperador apareceu para sanar a questão⁴⁹. Os aposentos do imperador indicavam sombriamente os novos tempos. O piano de cauda continuava presente, mas as jarras de flores haviam sido retiradas e as fotografias que em tempos adornavam a mesa estavam guardadas. Nicolau aguardava na sua farda de aqui. Cansado e pálido, tinha olheiras, mas ainda conseguiu oferecer um sorriso de cumprimento. Recebera uma carta da esposa por intermédio de um oficial que fora obrigado a esconder a missiva na túnica⁵⁰.

Mogilëv, onde ainda há dias o povo ovacionava o soberano, sofria a mesma transformação política que Petrogrado e o resto da Rússia. Duas enormes bandeiras vermelhas estavam agora penduradas das janelas da дума local⁵¹. Os residentes andavam com fitas vermelhas presas à roupa. Não se via polícia. A revolução saíra triunfante⁵².

5. TSARSKOE SELO

Enquanto Nicolau e o seu irmão Mikhail tomavam as suas graves decisões, a imperatriz Alexandra estava retida no Palácio de Alexandre, em Tsarskoe Selo, onde esperava, ansiosa, por alguma informação sobre o que se passava. Com o agravar da situação para os Romanov, Rodzyanko telefonou ao Major-General Alexei Resin, comandante do Regimento de Infantaria Mista, a aconselhar a imperatriz a deixar o palácio, levando a família com ela. Quando Resin respondeu que as crianças estavam doentes, Rodzyanko manteve-se impávido e disse: «Quando a casa está a arder, tiram-se as crianças». De acordo com a aia Anna Demidova, quando a mensagem foi entregue, a imperatriz começou por assentir, mas depois manteve-se firme, pois o palácio de Tsarskoe Selo era a sua casa, que ela se recusava a abandonar¹. Mais tarde, Alexandra viria a culpar Rodzyanko pela decisão de Nicolau de abdicar, sugerindo que o imperador não teria realmente de se ter afastado do poder². Foi um período de frustração profunda para uma mulher habituada a aconselhar politicamente o marido. A Rússia entrava num estado de emergência e, pela primeira vez no seu casamento, o casal imperial não podia desabafar um com o outro. Nicolau abandonara o trono e só queria reunir-se com a esposa o quanto antes.

Tsarskoe Selo, tal como implícito no seu nome («Aldeia do Czar»), começara por ser um retiro rural para a família imperial. No centro estava o Palácio de Alexandre, que Nicolau e Alexandra haviam transformado no

seu lar. A partir de 1905 seria o refúgio permanente para onde fugiam da azáfama da capital. O edifício mais parecia um solar rural britânico do que uma grandiosa residência Romanov, e era onde a família imperial se sentia mais confortável. Em tempos de paz podiam lá permanecer e chegar à capital no espaço de uma hora, se a situação assim o exigisse, e os seus parques e lagos garantiam a paisagem tranquila que tanto apreciavam. Nicolau, caçador apaixonado, expusera os troféus desportivos no salão de entrada. Nos seus aposentos, Alexandra fazia-se rodear pelas fotografias autografadas de monarcas contemporâneos e passados, entre eles a da falecida Rainha Vitória e do rei Eduardo VII. O gabinete de Nicolau estava sempre repleto de mapas que usava para analisar os planos militares. O palácio também albergava um quadro em tamanho natural da Rainha Vitória, bem como retratos dos antepassados czares de Nicolau: Nicolau I, Alexandre II e Alexandre III³.

Com o passar dos séculos, a área envolvente acumulou bastantes mansões e casernas, vindo a tornar-se um vasto centro militar. Construiu-se uma estação ferroviária para que os Romanov saíssem confortavelmente do Palácio de Inverno na capital. Além da zona habitada estendiam-se pântanos e pauis, onde os mosquitos infernizavam a vida de qualquer um durante os meses estivais, mas os Romanov permaneciam em segurança nos terrenos habitados⁴. As casernas albergavam mais de 40 000 soldados⁵.

O grosso da população de Tsarskoe Selo, assim sendo, não era composto por residentes permanentes, mas sim por recrutas ao serviço da segurança da família, tendo o seu comportamento em relação aos Romanov sofrido alterações quando a revolução se aproximou de Petrogrado. De imediato se ouviram relatos de celebrações políticas alimentadas por copiosas doses de vodca. Em alguns regimentos tocou-se a «Marselhesa», o hino da Revolução Francesa. Chegou a falar-se de um plano para bombardear o palácio de Alexandre, com a guarda a receber ordens para que se tomasse precauções contra tais possíveis agressões⁶. Todavia, os disparos de espingarda prosseguiram, sendo do conhecimento geral que a situação era bastante volátil⁷. Alexandra suportou tudo estoicamente. Enquanto aguardava pelo regresso do marido, escreveu-lhe compassivamente — com a emoção a sobrepor-se à correção gramatical: «Tu, meu amor, meu Anjo querido, nem imagino aquilo por que passaste e estás a passar — deixa-me fora de mim. Ah, meu Deus: é claro que recompensaremos cem vezes o teu sofrimento»⁸. Ao ouvir o barulho no exterior,

Alexandra invocava as suas reservas de coragem. O destino da família já não estava nas mãos dos Romanov.

As medidas do Governo Provisório quanto aos Romanov eram acompanhadas pelo Soviete de Petrogrado, cuja pressão era intensa e constante. Numa reunião a 16 de março, o Comité Executivo do soviete exigira a detenção da «dinastia Romanov» e contemplava uma tomada de ação própria, caso o Governo Provisório se recusasse. Ao mesmo tempo, o Comité Executivo reconhecia que Mikhail Romanov não representava um risco genuíno e podia ser poupado ao cativo, mas teria de ficar sob a supervisão do «exército revolucionário». Quando ao grão-duque Nikolai, ele seria chamado de volta do Cáucaso e mantido sob vigilância apertada durante a viagem para Petrogrado. Havia uma certa relutância em deter-se Alexandra e as restantes mulheres Romanov, acabando por se decidir implementar-se um processo gradual, de acordo com o comportamento de cada mulher durante a velha ordem⁹. As altas instâncias soviéticas continuaram determinadas a impedir que Nicolau obtivesse exílio no estrangeiro, com Nikolai Chkheidze, um dos líderes mencheviques do Soviete a relatar com satisfação ao Comité Executivo que um ministro alertara o gabinete para o facto de o soviete poder vir a deter Nicolau caso tal concessão fosse feita¹⁰.

Os ministros pretendiam resolver a questão a 20 de março, decretando que Nicolau e Alexandra deveriam permanecer confinados em Tsarskoe Selo durante o futuro próximo, esperando-se que a questão monárquica acabasse por se desvanecer da atenção pública¹¹. No entanto, quando, nesse mesmo dia, Kerensky compareceu no Soviete de Moscovo, não deixaram de lhe exigir a execução de Nicolau. A esses pedidos, Kerensky respondeu que o Governo Provisório não compactuaria com tal coisa e que ele não seria o Marat da Revolução Russa¹².

Enquanto isso, o gabinete ordenou ao General Alexeev que reunisse uma unidade para escoltar o imperador no seu trajeto desde Mogilëv, com um grupo de deputados da Duma a ser enviado para supervisionar o processo¹³. Alexeev enviou uma mensagem às estações ferroviárias do percurso, repetindo a garantia governamental quanto à segurança de Nicolau durante a viagem até ao palácio de Alexandre¹⁴. A 20 de março, pelas 23h, quatro deputados da Duma — Alexander Bublikov, Vasili Vershinin, Semën Gribunin e Saveli Kalinin — partiram de Tsarskoe Selo para Mogilëv em nome do governo, parando em Vitebsk antes de prosseguirem para Orsha. Bublikov e Vershinin lidaram com as questões do público nas estações por onde passaram. Chegaram a Mogilëv a meio da tarde do dia 21 de março,

sendo ovacionados quando se dirigiram de carro ao Comando Central, onde Bublikov explicou a Alexeev os termos da sua missão. Após uma breve discussão de questões práticas, Alexeev acompanhou os emissários ao comboio imperial, onde transmitiriam os requisitos a Nicolau, que nesse momento estava a falar com a mãe no comboio adjacente¹⁵. Saiu depois de tratar dos últimos pormenores para a partida. A tarefa mais difícil foi despedir-se do pessoal do Comando Central, com as lágrimas a surgirem após o discurso¹⁶. Era como se nenhum dos oficiais fosse capaz de acreditar no que estava a acontecer¹⁷. Nicolau deixou igualmente uma declaração assinada para as forças armadas, desejando-lhes felicidades na luta contra o inimigo externo, mas o Governo Provisório recusou-se a autorizar a sua publicação¹⁸.

Só um oficial do comboio militar pessoal (ou guarda-costas) pôde acompanhá-lo a Tsarskoe Selo, pois ainda havia alguma ansiedade quanto a uma possível tentativa violenta de reverter a abdicação¹⁹. Nicolau tornou-se um cidadão privado, estando agora a sua segurança nas mãos do Governo Provisório. A composição, composta por dez carruagens, deixou Mogilëv às 16h50²⁰. Os representantes da Duma ocupavam o vagão na retaguarda. Um carro inteiro foi destinado à comitiva de Nicolau, onde se contavam aristocratas como Vasili Dolgorukov e Kirill Naryshkin, entre outros, a par do professor Fëdorov. Outrora indivíduos influentes, discutiam agora um futuro político e pessoal incerto. A autoridade encontrava-se exclusivamente nas mãos de Bublikov e seus companheiros da Duma, sendo os únicos que poderiam alterar a rota ou enviar e receber telegramas. Começaram por parar em Orsha e depois em Vitebsk, com os elementos da Duma a revezarem-se nos turnos. Com o início da derradeira etapa da viagem deram instruções por telegrama para que um grupo de receção os esperasse na estação de Tsarskoe Selo²¹.

O General Lavr Kornilov já visitara Tsarskoe Selo a 21 de março, acompanhado pelo Coronel Evgeni Kobylinski²². Com uma fita vermelha presa ao peito, não deixava dúvidas quanto ao facto de aprovar a revolução. Ao entrar no Palácio de Alexandre, os criados disseram-lhe que a imperatriz ainda estava na cama, ao que Kornilov replicou: «Informem-na de que não são horas de dormir!» Só então revelou quem era²³. Alexandra fê-los esperar mais dez minutos antes de os receber no quarto das crianças. Kornilov dirigiu-se a Alexandra como «Vossa Majestade» e falou do seu «fardo pesado» ao anunciar a decisão do governo de a deter e à família imperial. Doravante, ela teria de apresentar quaisquer pedidos a Kobylinski.

Os Romanov poderiam manter o séquito, mas quem decidisse ficar teria de se sujeitar às mesmas condições de cativo no palácio. Kornilov afastou toda a guarda atual, substituindo-a por um regimento de caçadores que acreditava ser de confiança²⁴.



9. Lavr Kornilov, o comandante militar de Petrogrado que chegou a comandante-supremo com Kerensky. Kornilov virou-se contra Kerensky em agosto de 1917.

Kornilov deixou Kobylinski encarregue da guarnição de Tsarskoe Selo, com Pavel Kotsebu como seu subordinado e comandante do palácio de Alexandre²⁵. Kobylinski fora ferido no início da guerra e ainda sofria de inflamação renal²⁶. Passara um breve período de recuperação numa das casas de convalescença de Tsarskoe Selo, para onde foi transferido para um batalhão de reserva (e recuperou o suficiente para encetar um romance com a enfermeira e professora Klavdia Bitner)²⁷. Os camaradas oficiais respeitavam-no como sendo «tranquilo, calmo e equilibrado»²⁸. No entanto, ao passo que Kobylinski era capaz de agir com discrição política, Kotsebu

comportava-se como se a revolução não tivesse ocorrido. os guardas repararam nas suas trocas intensas com Anna Vyubova, conhecida de todos como sendo confidente de Alexandra. Kornilov em breve seria substituído pelo Coronel Pavel Korovichenko, um especialista em direito militar que era um dos colaboradores de Kerenski; quanto a Vyubova, pouco depois viria a ser retirada do palácio, durante uma visita do próprio Kerensky. Após a despedida comovida da imperatriz, testemunhada por Kobylinski e Korovichenko, Vyubova foi levada para uma prisão em Petrogrado²⁹.

Os Romanov gozavam de total privacidade no interior do Palácio de Alexandre, e nenhum soldado patrulhava os aposentos da família³⁰, embora houvesse regras quanto ao seu comportamento fora dos espaços reservados, só podendo sair para o parque mediante autorização prévia³¹. Todos os que permanecessem em Tsarskoe Selo concordavam, automaticamente, com a prisão domiciliária durante o futuro próximo. Quem não estivesse disposto a submeter-se a isso deveria partir de imediato. Poucos foram os que partiram, no entanto, pois a lealdade para com o imperador e sua família era forte. Em breve, as implicações fizeram-se sentir. Os residentes do palácio podiam caminhar pelo parque, mas só em horários determinados e sempre sob vigilância. A correspondência com o mundo exterior só tinha lugar com autorização de Korovichenko, o novo comandante do palácio³².

O comboio chegou à estação de Tsarskoe Selo às 11h30 do dia 22 de março de 1917. Nicolau e Dolgorukov ainda julgavam poder contar com o respeito público que fizera parte da sua vida anterior, mas viriam a ter uma desagradável surpresa³³. O contingente militar habitual fora completamente substituído quatro horas antes — alguns dos oficiais planeavam uma ovação ao imperador, segundo o que era tradicional, algo que as novas autoridades revolucionárias estavam determinadas a impedir³⁴. Segundo Nicolau pôde ver, não havia qualquer general, apenas oficiais subalternos à frente das tropas que aguardavam na plataforma³⁵. Subestimara o papel de Kobylinski³⁶. Quando a limusina chegou junto ao portão do Palácio de Alexandre, o destacamento de guarda foi estranhamente lento a abri-lo, facto que não foi acidental. Tanto os soldados como os seus oficiais pretendiam indicar a mudança dos tempos. Isso repetiu-se no interior do palácio. Nicolau levou involuntariamente a mão ao chapéu num cumprimento aos guardas. Pela primeira vez na sua vida, ninguém lhe respondeu com qualquer tipo de saudação³⁷.



10. Olga Romanova e a confidente instável da mãe, Anna Vyubova. Kerensky ordenou que Vyubova fosse retirada do Palácio de Alexandre.

O cidadão Romanov seria obrigado a acatar as regras que outros lhe impunham. A Rússia tornara-se uma república durante a abdicação, e ele perdera o estatuto elevado que tivera desde o berço. A família alargada sofreu a mesma transformação. Foi também a 22 de março de 1917 que o Governo Provisório revogou a nomeação feita por Nicolau do primo Nikolai Nikolaevich como comandante militar da frente do Cáucaso. Tal verificou-se de forma cortês, com uma mensagem a ser-lhe enviada antes da sua chegada a Mogilév, onde lhe era pedido que resignasse ao cargo.

Lvov não se sentia bem a despedi-lo. Exerceu, em vez disso, pressão moral, afirmando que o Governo Provisório não podia ficar indiferente à voz popular, que estava absolutamente contra a colocação de qualquer elemento da casa Romanov numa posição oficial³⁸. O grão-duque Nikolai chegou ao Comando Central a 23 de março, antes de receber a mensagem. A 24 de março de 1917 acatou o pedido de Lvov e transferiu as suas responsabilidades para o chefe de estado-maior Alexeev³⁹. A partir desse momento, nenhum

familiar do antigo imperador ficou colocado em cargos oficiais de importância. A Revolução de Fevereiro estendera os seus efeitos a todos os Romanov.

Tudo parecia às avessas; o mundo mudara e ainda estava a alterar-se. Pela primeira vez, o destacamento da guarda em torno do Palácio de Alexandre não saudara a sua chegada. Em vez disso, Nicolau teve de esperar pela chegada do oficial de dia. O embaraço foi propositado. As autoridades de Tsarskoe Selo davam a conhecer a nova situação: o czarismo caíra e tivera início uma nova era na história da Rússia. Não que Nicolau viesse a ser impedido de se reunir com a esposa e com os filhos. Pelo contrário, os ministros pretendiam encerrá-lo dentro do perímetro do palácio, e assim que o oficial de dia apareceu, este ordenou, alto e bom som: «Abram os portões ao antigo soberano!»⁴⁰ (A formalidade verbal servia para confirmar a alteração do estado das coisas.) Nicolau manteve a dignidade e nenhum soldado disse ou fez nada de desagradável enquanto o antigo imperador se encaminhou para a residência. Alexandra foi a primeira a cumprimentá-lo à entrada dos aposentos dos filhos. O casal sorriu, beijou-se e abraçou-se. Saíram então do quarto para se juntarem ao filho e às filhas⁴¹.

O palácio foi encerrado a forasteiros e a família Romanov ficou sujeita a prisão domiciliária. Nicolau, sua esposa e os filhos de ambos eram os únicos Romanov na residência e nenhum outro familiar foi autorizado a visitá-los. A mãe de Nicolau, a imperatriz viúva Maria, deixou Mogilëv ao mesmo tempo que o filho, mas dirigiu-se a Kiev. À chegada, anunciou o desejo de prosseguir para sul, para a Crimeia, tendo partido a 5 de abril de 1917, com uma escolta militar reduzida. Antes que a unidade de guarda-costas se dispersasse, Maria distribuiu fotografias autografadas⁴².

Nicolau e a sua família imediata adaptaram-se às novas circunstâncias, mas houve um pequeno episódio que os perturbou. Rasputine fora sepultado discretamente na igreja situada nos terrenos do palácio. Quando os novos soldados o descobriram escavaram o caixão e arrancaram-lhe a tampa para examinar o cadáver. Junto à face direita do corpo encontraram um ícone assinado por «Alexandra, Olga, Tatiana, Maria, Anastácia e Anya [Vyrubova]». Ordenou-se que o caixão fosse levado até à estação ferroviária de Srednyaya Rogatka para que voltasse a ser sepultado em segredo nas redondezas⁴³. O presidente-ministro Lvov cancelou pessoalmente o plano e ordenou a Kobylinski que entregasse o caixão e respetivo conteúdo ao Comissário Kupchinski, que foi ao seu encontro. Apesar da tentativa de Kupchinski de disfarçar o que estava a fazer, isso rapidamente se soube e, antes de chegar a Petrogrado, ele foi interrompido por uma multidão.

Depois de uma breve contenda pela posse do cadáver, Kupchinski decidiu que seria prudente cremá-lo, ao invés de arriscar a que fosse roubado⁴⁴.

Um grupo próximo de estudantes universitários e soldados levou a cabo essa tarefa, transportando o cadáver até uma mata, com vista a incinerá-lo numa pira. Algumas idosas que veneravam a memória de Rasputine foram enxotadas. No entanto, usou-se pouco material acelerante. Quase assim que se acendeu o fogo, a gasolina gastou-se e as chamas não concluíram o trabalho. Nessa altura já havia mirones, tendo alguns deles ficado convencidos de que aquilo era prova de que o morto fora um santo. Os estudantes reconstruíram a pira, que desta vez ardeu com êxito, deixando ficar apenas o esqueleto. O pequeno grupo decidiu espalhar os ossos pela clareira, mas isso encorajou as idosas a recolhê-los, tendo em vista a sua conservação como relíquias sagradas. No meio da agitação que se seguiu, os estudantes exaustos recolheram os ossos que restavam, voltaram à universidade e lançaram-nos a uma fornalha⁴⁵. Rasputine provara ser quase tão indestrutível na morte como fora em vida. Não obstante, essa informação não foi revelada à família imperial. Como já não faziam parte ativa da cena política, só lhes era dito o que fosse assunto familiar. Eram, efetivamente, prisioneiros.



11. Alexander Kerensky entre oficiais e soldados antes da Revolução de Outubro.

6. VIDA EM FAMÍLIA

Nicolau e Alexandra adoravam-se. As cartas por ela enviadas mostravam uma paixão ainda intensa após décadas de casamento, com o imperador a revelar-se igualmente afetuoso. No entanto, essa dependência mútua deixava-o cego quanto às fraquezas por ela exibidas no papel de sua consorte. Alexandra tinha uma altivez que imperatrizes e rainhas de outras paragens procuravam equilibrar com um certo grau de «teatralidade». Não conseguia exibir emoções falsas ou fingir divertir-se quando se sentia apática ou triste. A incapacidade de simular afabilidade para com os elementos da alta sociedade prejudicou-a face à opinião pública russa¹. Arrogante e opiniosa, Alexandra afastou grande parte dos seus familiares, entre eles a mãe, Maria Fëdorovna. Alexandra não tinha problemas em mostrar-se distante. Comportava-se sempre como se tivesse a certeza de ter Deus e o senso comum do seu lado.

Tal não seria assim tão relevante se o Império Russo não fosse atormentado por uma crise profunda, crise essa atribuída a um imperador demasiado fraco para resistir aos conselhos políticos de uma esposa imperiosa. A par da intensificação das dificuldades internas e externas, o ódio por ela cresceu. Alexandra sempre considerara seu dever garantir a Nicolau a necessidade de manter as tradições autocráticas. Dias antes dos acontecimentos de fevereiro, Alexandra escreveu: «Ah, como gostaria de te poder ajudar a carregar este fardo! És tão corajoso e persistente — a

minha alma sente e sofre contigo, *muito mais* do que consigo expressar por palavras». Acrescentou ainda a ideia reconfortante de que o falecido Rasputine — «o nosso querido Amigo» — rezava por ele no outro mundo². Nicolau e Alexandra tinham temperamentos opostos: ela era ferosa, ao passo que o marido era ponderado. Ela decidia-se rapidamente; ele demorava a tomar decisões. Todas as noites conversavam sobre os assuntos que os incomodavam, mas nunca discutiam política na presença de terceiros³. Concordavam com quase tudo, e embora ela influenciasse a escolha dos ministros, não existem provas de que o tivesse demovido de alguma decisão política por ele tomada⁴.



12. Nicolau e Alexandra em tempos mais felizes, com as quatro filhas e o filho.

Alexandra, contudo, sempre mereceu mais culpas do que Nicolau. Kobylinski, cuja mentalidade era típica da altura ao acreditar que um homem devia dominar a esposa, afirmava que «ela controlava a família e subjugava o soberano». Nicholas evitava ter de tomar decisões sobre questões importantes sem a consultar, pelo menos depois da abdicação. Quando lhe perguntavam alguma coisa, a resposta típica era: «O que pensa a minha esposa? Vou perguntar-lhe»⁵. Alexandra era opiniosa e detestava pusilanimidade. Um dos seus chavões era: «É melhor cometer erros do que não tomar decisões»⁶. Tinha aversão à ostentação e ao luxo, usando apenas duas fiadas de pérolas. Não ia mais longe do que isso⁷. Era vegetariana por preferência — algo que partilhava com o «herege» Leão Tolstoy⁸. Quando irritada enrubescia⁹. Ostentava, amiúde, uma expressão sofrida, mas tinha facilidade em compreender quem se sentia perturbado¹⁰. Era habitualmente comedida, e muitos consideravam-na arrogante. Todavia, quando algo lhe agradava, envergava um sorriso que conquistava o coração. As filhas sabiam-no, ao contrário de quem era estranho à família; chamavam-lhe o seu Pequeno Sol¹¹.

O casal imperial costumava conversar em inglês. Nascida princesa de Hesse na Alemanha imperial e batizada como Alix, Alexandra perdeu a mãe aos seis anos de idade e passava grande parte das suas longas férias com a avó, a Rainha Vitória, no Reino Unido. Após a Guerra Japonesa de 1904-1905, decidiu falar russo em ocasiões formais, como forma de provar a sua dedicação ao país que a adotara; o único problema era falar com bastante lentidão ao tentar enunciar cuidadosamente cada palavra¹². Alexandra, que detestava as reuniões com a alta sociedade, rodeava-se de uma série de confidentes igualmente altaneiros. O requisito essencial para se pertencer à corte era mostrar-lhe sempre deferência e partilhar os preconceitos. Alexandra praticava habitualmente costura e durante o tempo de guerra passou muitas horas a cuidar dos feridos no hospital de Tsarskoe Selo. Estudava avidamente literatura piedosa. Como diversão, por vezes tocava duetos de piano com Sophie Buxhoeveden, que comentava, modestamente, que ela própria faria com que Wagner, Grieg e Tchaikovsky dessem voltas no túmulo¹³.

Alexandra sabia — para seu grande tormento — que fora a sua herança biológica que transmitira a terrível doença que era a hemofilia ao único herdeiro varão, Alexei. Dizia aos amigos íntimos que ela era uma ave de mau agouro¹⁴. O tio, o irmão e dois sobrinhos haviam morrido prematuramente com a doença, e Alexandra sabia que esse podia ser o destino do

filho, tendo sido esse um dos motivos que a levou a procurar Deus¹⁵. Nunca esqueceu o problema de Alexei, e porventura nunca se terá perdoado por isso. Evgeni Botkin, um dos médicos da família, levou a cabo um estudo discreto sobre os Romanov. A ciência médica da altura chegara à conclusão de que a síndrome da hemorragia fatal só afetava rapazes hemofílicos, embora se julgasse que também as mulheres tinham sintomas que não eram, de todo, agradáveis. Dizia-se que os elementos femininos de famílias que herdavam a doença da geração anterior apresentavam uma predisposição para a histeria após a menopausa — e Botkin concluiu que isso explicava os episódios de êxtase religioso mostrados por Alexandra¹⁶. Claro que o médico nunca diria tal coisa a ela ou ao marido. Era totalmente devotado à família imperial e orgulhava-se de os poder servir até ao fim, fosse ele qual fosse.

Alexandra tinha um pendor para o misticismo e encontrou forma de o extravasar nas antigas tradições religiosas russas. Depois de se converter ao Cristianismo Ortodoxo, dedicou-se de corpo e alma à nova fé¹⁷. Nunca lamentou a transição, declarando que: «O Protestantismo é tão seco!»¹⁸

Alexandra continuou a ver o falecido Rasputine como personificação da verdade e virtude primordiais da Ortodoxia. Quando a criada Maria Tutelberg levantou suspeitas acerca dele, a imperatriz atalhou-a, comentando: «O Redentor não escolhe os discípulos entre eruditos e teólogos, mas sim entre os simples pescadores e carpinteiros. No evangelho diz-se que a fé move montanhas». Apontou para a imagem de um dos milagres de Cristo e afirmou: «Este Deus continua vivo. Acredito que o meu filho voltará a erguer-se. Sei que me consideram louca por causa da minha fé, mas, seguramente, todos os que acreditaram foram mártires»¹⁹. Devota e piedosa, terá, decerto, percebido que as orações não ajudaram a melhorar o estado do filho. As emergências clínicas sucediam-se, podendo ele morrer a qualquer momento. Foi por isso que Rasputine se tornou tão importante para Alexandra, tal como Pierre Gilliard viria a recordar:

Depois, quando conheceu Rasputine, ficou convencida de que, se o procurasse durante a doença de Alexei Nikolaevich, este viveria. O filho viveria. De algum modo, Alexei Nikolaevich ficaria melhor. Chamemos-lhe coincidência, se quisermos, mas os factos da proximidade [*obshchenie*] de Rasputine e do alívio da doença de Alexei Nikolaevich coincidiam.

Alexandra acreditava. Não havia mais nada ao que se agarrar, e isto trazia-lhe paz. Estava convencida de que Rasputine fora quase santo e um intermediário entre ela e Deus²⁰.

Sem Rasputine, ela dedicou-se a salvar o filho como pôde. Alexei e a mãe eram próximos. Recordaria Gilliard que:

Mesmo que a procurasse vinte vezes por dia, não havia uma única altura em que não o beijasse. Compreendo que sempre que se despedia, ela receava que fosse a última vez. Sobretudo, quer-me parecer que a religião dela não lhe trouxe o que esperava: as crises continuaram a ocorrer e a ameaçar a vida do filho. O milagre por que ela esperava nunca aconteceu²¹.

A saúde de Alexei continuou débil durante grande parte do resto do ano. No entanto, embora «o nosso amigo» houvesse perecido, felizmente não houve qualquer crise que envolvesse um ferimento ou uma hemorragia²².



13. Uma Alexandra preocupada vela pelo filho Alexei. Alexandra culpava-se pela situação clínica de Alexei.

Alexei tentava sempre ser corajoso. Tinha frequentemente dores excruciantes nas pernas, mas quando lhe perguntavam se estava em sofrimento, ele costumava negá-lo²³. Ocasionalmente, ele próprio indagava: «O que lhe parece, será que isto algum dia irá desaparecer?»²⁴ Quando Alexei se encontrava bem, o preceptor Gibbes jogava às cartas com ele²⁵. Alexei também adorava brincar com os soldadinhos e divertir-se à balalaica²⁶. Kobylinski recordou-o como sendo um jovem perspicaz e espirituoso que falava inglês e francês. (Nunca lhe ensinaram alemão²⁷.) Os pais e as irmãs tratavam-no por Bebê — sinal de que não tinham pressa de que chegasse a adulto — e ele habituara-se a pensar em si próprio como não passando de uma criança. Embora não se possa dizer que não fosse inteligente, Alexei não era um aluno precoce, esperando-se que os preceptores Pierre Gilliard e Sydney Gibbes acompanhassem os jogos que ele quisesse no exterior do palácio. À semelhança de Botkin, ambos os homens gostavam demasiado da sua associação aos Romanov para se sentirem humilhados, além de que se divertiam bastante. O mesmo era verdade em relação a rapazes como Kolya Derevenko, filho de um dos médicos da família, a quem se pedia que brincasse com Alexei durante o dia. Todos os Romanov e seu séquito apreciavam a natureza gentil de Alexei.

Nicolau abdicou num período de doenças entre a família, com as quatro filhas, Olga, Tatiana, Maria e Anastácia doentes com sarampo, provavelmente apanhado de Alexei. A par disso, Olga e Tatiana sofriam de pleurisia²⁸.

Olga era uma jovem recatada que falava francês, inglês e alemão. Gostava de cantar e era dona de uma boa voz de soprano. Desenhava bem. Evitava roupas glamorosas²⁹. As pessoas reparavam no facto de Olga gostar mais do pai do que da mãe³⁰. Tatiana era mais parecida com Alexandra, estando sempre junto dela³¹. Decidida e um tanto ou quanto autoritária, ela ajudava a manter a casa na linha, com um dos professores a afirmar que, se a imperatriz fosse afastada, Tatiana ocuparia com facilidade esse papel familiar³². Maria era a beleza da família. Conhecida entre os outros como Mashka, mostrava talento para o desenho e era a mais sociável das irmãs. Falava regularmente com os guardas, descobrindo o nome das suas esposas e perguntando quantos filhos tinham e quanta terra. Robusta e sempre solícita, costumava lembrar as pessoas do avô, Alexandre III. Alexei chamava: «Mashka, vem levar-me ao colo!» e Mashka obedecia sempre alegremente³³. Anastácia era baixa e bem constituída. Adorava descobrir o ponto fraco dos outros e estava sempre

pronta a provocá-los; pelo lado positivo, era «uma cómica inata»³⁴. A sua alcunha na entre a família era Shvibzik³⁵.

A feliz família deparou-se com circunstâncias que nunca imaginariam possíveis, mas os Romanovs eram de uma grande resiliência. Só Alexandra tinha dificuldade em sorrir. Afetada por aquilo que acreditava ser um golpe engendrado por políticos de topo para obrigar o marido a afastar-se do trono, estava normalmente de mau humor. Sentia grande falta do trabalho ativo nos sanatórios de Tsarskoe Selo. No entanto, até ela percebia que tinha de mostrar coragem, pelo que ela e as filhas se refugiavam nos prazeres simples que as unia: leitura, jogos de interior e costura. Alexei brincava com os soldadinhos e o equipamento militar. Nicolau passava horas a cortar lenha para a lareira. Sem as anteriores responsabilidades públicas, todos aproveitavam cada oportunidade de distração. A família queria manter o moral enquanto esperavam pelos acontecimentos seguintes.